

**VOLUME 18**  
**2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 2ª PARTE (ORIENTE MÉDIO)**  
**14/11 a 04/12/1876**

**INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II**

**14 de NOVEMBRO de 1876**

Partida de Beirute às 4 da madrugada. Bela estrada de onde se vê a princípio o alto das montanhas a ponta onde está a cidade estendendo-se; de um lado a costa para o norte na direção de Trípoli e do outro para o sul na direção de Saída (Sidon) e Caifa.

Atravessou-se em Mezher o ponto mais elevado da estrada a 1515 m no nível do mar. Felizmente a chuva tinha cessado clareando o tempo de modo a gozar da vista magnífica da planície de Bkaa.

Em Ch'tora a 905m de altura houve o almoço logo e às 11h 20' separou-se a companhia indo eu e os que deviam igualmente montar a cavalo ainda de carro até Malakah e os mais seguindo para Damasco.

Daquele lugar foi a cavalgata por uma interminável planície ladeada à esquerda pelo Líbano e à direita pelo Ante-Líbano, até Baalbeck. Desde Ch'tora é o caminho feito e empedrado pelo governo turco. Está quase pronto apesar de só se empregar o trabalho obrigado de cada homem durante 4 dias do ano e em época diferente da das ocupações agrícolas. O engenheiro é um filho de Beirute de procedência armênia chamado Bechara que foi empregado na construção da estrada de Beirute a Damasco feita pela companhia francesa dirigida por Mr. Peothuis que serviu na marinha com o Joinville a quem Bechara conheceu em Beirute.

Choveu bastante de tarde, mas a entrada nas ruínas de Baalbeck à luz de fogarêus e lanternas atravessando por longa abóboda de grandes pedras, foi triunfal e as colunas tomavam dimensões colossais.

**15 de novembro de 1876** — Como não tinha roupa para mudar pela demora das cargas meti-me ontem na cama às 6 ½. Quase 7 horas de marcha contínua a cavalo dispõe ao sono e só acordei pela noite fora com algum frio. A barraca sempre deixa entrar vento e puseram na cama um cobertor algum tanto ralo e por cima uma manta acolchoada, porém bastante inteiriça de modo que facilmente caía para um lado, como os travesseiros me fugiam da cabeça. Não dormi bem e como me envolvia bem no raro véu não podia ler e cismeí muitíssimo. Antes das 6 da manhã vesti-me e fui correr as ruínas.

Comecei pelo pequeno templo e que o é menos. Devia-se subir até a porta por uma escada. A pedra que forma a verga rachou-se e parte dela como uma cunha enorme desceu ficando suspensa pelos pontos de apoio nos dois fragmentos laterais. No interior de cada uma das pilastras que ladeiam a porta há uma escada muito estreita de 70 degraus cavados nas pedras, que vai até o alto daquela. A escada da esquerda está quase toda desamparada pela banda de dentro do templo e na da direita entra-se por um buraco ao rés do chão e tão estreito que meu corpo não podia passar.

O interior desse templo é muito ornado e com gosto, porém não é das ruínas a que mais me agrada. Por fora do templo há do lado do norte — a frente olha para E[ste]— 9 colunas coríntias de pé com o entablamento e a abóboda da arqueada e sobrecarrega de ornatos que as liga ao templo e as bases de outras 3. Do outro lado só existem 4 colunas de pé e o fuste de uma tombado de encontro ao muro de que fez recuar uma das grandes pedras. Passei por baixo dela. No fundo do templo vêem-se 4 troços de colunas mais ou menos de pé e 3 nesta posição. Medi alguns tímpanos de colunas desse templo deitados no chão e seu raio iguala o comprimento de meu chapéu de sol. Os capitéis que parecem pequenos nas colunas em pé custa a trepar nele quando derrubados. Ao lado esquerdo de quem olha para o templo e perto deste há duas grandes abóbodas sobrepostas, formadas de grandes pedras cobrindo espaço considerável com seteiras e a superior dividida como igreja latina. A escada para descer ao recinto inferior está muito estragada e meu guia foi menos feliz do que eu, pois deu uma pequena queda.

Afastado desse pequeno templo, mas sobre a mesma colina e paralelo àquele estava o grande. Do lado do pequeno só se vêem 6 colinas belíssimas de 17 cujos lugares se contam na outra parte correspondente onde há apenas 4 troços mais ou menos de pé. No fundo só eu e mais 3 pudemos abarcar com os braços um troço de coluna. Do lado oposto ao das 6 colunas desce para uma parte saliente da colina de onde se observa a construção ciclopeana das antigas muralhas sobre elas como entre as colunas colocaram posteriormente grandes pedras com seteiras como fortificação. Rodeei todas as

muralhas e na que sustenta o fundo do grande templo que fica para O. medi com o metro uma das maiores pedras que tem 22m de comprido, 4 de largo e 5 de alto, está no canto.

Defronte dos templos há ruínas muito curiosas e de lindo ornatos não podendo eu saber que significam duas águas em baixo-relevo, uma num espaço com 7 estrelas. Há nichos por todas partes, mas sem as estátuas e grande número deles ornados internamente do lado de cima de conchas em baixo-relevo acompanhando a curvatura dos nichos.

Além sempre para *E[ste]*. ainda há as ruínas de um edifício hexagonal também muito ornado e por fim os lados da porta por onde se entrava para esta espécie de acrópolis e que está tapada há de cada banda contando dos cantos 3 pilastras e 7 colunas tendo cada uma das quartas em sua base a mesma inscrição que não pude ler senão muito imperfeitamente com um óculo de alcance.

Os espaços estão tomados com pedras, segundo já disse.

Defronte da porta há vestígios do conduto da água que estaria por baixo da escada de que aliás não encontrei vestígios. Todo o âmbito da colina não se anda a passo regular em menos de 20 minutos.

Nunca vi monumentos propriamente de arquitetura tão majestosos como de Baalbeck.

Na aldeia miserabilíssima há as ruínas de um diminuto templo circular que tem belos ornatos, mas que não me pareceu elegante no seu todo.

Saindo de Baalbeck, onde deixei meu nome com a data na parede do fundo do pequeno templo está cheio de semelhantes inscrições, lendo-se logo depois da entrada estas palavras — *Comme le monde est bête!!!* e por aí além de interjeições.

Vi junto à parte da casa do governicho da aldeia, a estátua de mármore de uma mulher assentada com a figura de um grifo, cuja cabeça quebrou-se do lado esquerdo e do direito sobre a cadeira o baixo-relevo de uma urna pequena.

Esqueci-me de falar de baixos-relevos meio enterrados no solo do pequeno templo representando danças ao som de instrumentos e pedaços como de frontão do grande templo com a imagem em meio-relevo de uma creio que deusa ora com uma palma, ora também com uma espécie de cornucópia ou trazendo a modo uma de torre na cabeça e aleitando uma criança.

Na larga galeria abobedada por onde entrara de noite vi de manhã na parte superior dois bustos em baixo-relevo de que um tem uma inscrição de que só li *Divis* e o outro é feito com algum gosto.

À distância de  $\frac{1}{4}$  de hora a cavalo parei para examinar a pedreira e lá medi uma massa de pedra quase toda faceada para obra, de mais de 21m de comprido, 4 de largura e uma altura, que só com escada poderia ser medida. Segundo um cálculo que li deve pesar 1.200.000 kg. Uma quase igual já disse ter visto nas muralhas de substituição do grande templo.

Almocei nas ruínas e parti às 11.

Cheguei a Malakah às 5. Vim por caminho um pouco mais curto. Mostraram ao longe do lado esquerdo nas faldas do Ante-Líbano a aldeia de Nabá-schid, onde um ponto branco é o túmulo de Adão para esta gente.

Reparei melhor para a planície que apesar de coberta de seixos é aproveitada para trigo e vinhas sobretudo.

Perto de Baalbeck nasce o antigo Orontes que vai banhar Antióquia e até Malakah só atravessei como na ida o Litani que na estrada de Beirute a Damasco está 873m acima do nível do mar.

A noite passada encheram-se os cabeços dos montes de neve e que belo efeito produziram vistos do fundo do grande templo ou por entre as 6 colunas!

Jantei em Malakah e tornando a caminhar de carro às 7 só cheguei a Damasco às 3 da madrugada. Choveu de tarde menos que ontem e à noite, ao chegar a Damasco, estava estrelada e as nuvens escuras não se enrolavam mais nos cimos das montanhas.

Comprei em Baalbeck algumas moedas aí achadas.

**16 de novembro de 1876** — Antes das 9 fui correr a cidade que é muito porca e ver a grande mesquita (Djami'a el Amavi) dos Omiadas. Tem belas colunas de um antigo templo que precedia ao lado de *E[ste]* um arco triunfal, que ainda se vê sobrepujando as casas que o ocultam e era ligado ao templo por um pórtico de talvez 60m de comprimento em cujas colunas ainda se percebem mais ou menos como outras do templo incrustadas, por assim dizer, nas casas dos bazares dos sapateiros e dos ourives. É vastíssima e possui três minaretes tendo eu subido por 141 degraus até a galeria do *N[orte]* chamada nadinet (minarete) el Arous (da desposada).

Goza-se aí de uma bela vista da cidade rodeada de seus jardins e ruas de choupos e salgueiros nas margens do Baradah que fornece água excelente à cidade.

Tanta verdura perto de montanhas tão áridas devia produzir grande efeito no ânimo de Maoma quando avistando Damasco do cimo de um monte exclamou: “basta-me um só paraíso” e retrocedeu.

A um lado do pátio da mesquita está o túmulo do célebre Saladino que fui ver. Entrei na chamada casa de Judas onde S. Paulo se escondeu e agora é muito exígua casa de oração muçulmana cuja porta deita para um bazar e vi no cemitério os túmulos dos netos de Mafoma. Fatimé e a filha de Ali e de uma das mulheres do profeta. Os de outras duas e dos três criados daquele, todos mortos por ordem de Yezid que trouxe de Meca a família do profeta, não os pude ver por falta da chave. O do fiéis criados muito me interessavam. No meu giro passei pelo grande plátano que é com efeito um monstro vegetal.

Depois do almoço andei pelos bazares de carro e contornando as muralhas da cidade cuja parte inferior tem muitas vezes pedras de época anterior à dos romanos vi o lugar por onde S. Pedro fugiu e o resto da antiga calçada na direção de Jerusalém onde dizem que S. Paulo se converteu. Outros colocam com mais plausibilidade esse lugar mais longe a 4 km. de Damasco.

Apanhei umas pedrinhas dessa calçada.

Enterraram perto os ossos dos cristãos assassinados em 1860. Falam de 4 a 600 e ainda agora passam alguns a noite assustados e temem que a vitória dos Serbas seja motivo para outra matança. Até querem emigrar para o Brasil segundo ouvi.

Visitei a gruta de Ananias onde há uma igreja latina tendo sido criado quase todo o rochedo internamente. Acha-se entre casas e desce-se por creio que 12 degraus.

A 1h fui visitar Abd-el-Kader a quem tinha prevenido. Achei na porta da rua com seus 2 filhos mais velhos. É baixo, pouco cheio de corpo, testa arredondada, nariz ligeiramente aquilino, olhos pequenos porém vivo às vezes, ainda que pouco encarem e beiços de homem enérgico. Parece ter a cabeça raspada sob o turbante. Traja simplesmente e tinha chinelos de marroquim amarelo. Tratou-me com muita amabilidade tendo-lhe eu logo dito por intérprete que o visitava pelos serviços prestados aqui em 1860 aos cristãos, deu-me chá excelente com um gostinho muito bom de hortelã pimenta, mostrou-me parte da sua casa, oferecendo-me até levar-me ao harém o que não aceitei e da do filho mais velho, as quais estão muito bem arranjadas e tem pátios com árvores — comprou casas para acomodar toda a família perto de si — 18 filhos; 7 filhas e não sei quantos netos — conversou bastante comigo perguntando-me sobretudo se havia no Brasil alguns frutos e plantas que viamos e deu-me um exemplar da obra que escreveu e publicou sobre a Síria em árabe. O cabelo é preto e a barba não é grande, mas creio que a pinta assim como as sobrancelhas. Quis levar-me pela rua até o carro e eu dei-lhe o braço apesar de ser fortíssimo para quem nasceu em 1807. Vi as medalhas de ouro e prata que a França mandou cunhar em honra dele pelos fatos de 1870 — terminando a legenda assim: La France qu'il a combattue l'aime e l'admire — e o grande retrato de corpo inteiro que lhe deu o Napoleão 3º e onde ele está com sua grã cruz da Legião da Honra, de S. Lázaro da Sardenha com sua cruz, etc.

É possuidor de terras dos arrabaldes de Damasco cultivadas por ele e gosta de viajar a cavalo indo até o Hausan e Jerusalém e de caçar sobretudo gazelas que abundam perto desta cidade.

Escrevi depois até o jantar e às 5 fui de carro pela estrada de Beirute que passara de noite. Atravessa uma garganta de rochedos de formas muito pitorescas e margeando o Baradah, que aí encachoeira.

Cheguei até a habitação de campo de Abd-el-Kader em Dumah Compõe-se de três pequenas casas.

Como a noite estava linda à volta, toda estrelada!

Abd-el-Kader veio pagar-me a visita e trouxe-me sua fotografia, que lhe pedi em troca da minha que lhe levava de manhã e a do filho mais velho. Esteve sempre amável.

**17 de novembro de 1876** — Antes do almoço fui ver a casa de lady Ellenborough que se casou com o Cheik dos beduínos chamado Mejuel [*sic*]. Prevenira-a da visita a título de ver as vistas que ela tinha da Palmira onde estivera. Apareceu-me logo o Cheik, bela cara inteligente muito mais trigueira que a de Abd-el-Kader. É baixo e trajava simplesmente trazendo como aquele um anel de aro de prata com pedra de sinete. Abd-el-Kader tem-no no dedo mínimo da mão direita.

Mostrou-me seus cavalos de duas raças árabes — não me pareceram excessivamente belos — e conversou um pouco comigo por intérprete até que chegou a mulher que mostra ter sido muito bela. Casaram em 1853 e ele deixou a mulher que tinha, mas que sustenta. Pedi que me mostrasse as vistas de Palmira e ela foi buscar depressa mas pesadona a pasta em que admirei belíssimas aquarelas feitas por ela, cuja mãe segundo me disse foi exímia pintora a óleo, de Palmira, de Babilônia, da Acrópolis de Atenas e da cidade da ilha de Tinos. Revelam grande talento artístico e a fisionomia de Mrs. Mejuel *[sic]* é de pessoa muito inteligência *[sic]*. Ainda pedi-lhe como lembrança sua fotografia como a do marido. Respondeu-me que dela só tinha uma antiga, o que já esperava e correndo quase apresentou uma fotografia feita em Roma com suas feições mas de uma formosíssima mulher e um retrato do Cheik feito a lápis por ela que explica seu casamento e honra a artista. Tomou-se café no salão que é bonito a gosto oriental e vieram até a porta do jardim que é a da saída para se despedirem de mim.

Fui de lá ver melhor trepando nos terraços de algumas casas, o arco do triunfo de *E[ste]* e o que se descobre ainda menos do que lhe corresponde a *O[este]*. Deviam ser belos.

Às 10 fui visitar as casas judias de um Schamaiah e de um Lisbon (ou Lisboa) de origem portuguesa. Tem salas bonitas e de luxo em habitação de aspecto externo quase repugnante, sobretudo à entrada, que depois dá em pátios de agradável aparência e com árvores. Também entrei na casa árabe chamada de Abd-Allah-Pacha e que pertence agora a seu filho Mohamed-Bey. O pátio é muito lindo e tem uma sala de pedras de diversas cores e arabescos, assim como os das janelas e portas que deitam para o pátio com as árvores, que merecem ser desenhados. Os tetos de relevos de madeira e pinturas de formas e cores variadíssimas são lindíssimas.

Entre no Kan-Hassad-Pacha, praça do Comércio desta cidade cuja porta de pedra de estilo árabe é uma das mais lindas que tenho visto. O interior de pedras escuras de diferentes cores mas de aparência severa como todo o edifício de grande altura e pilastras sustentando 6 cúpulas em 2 linhas muito me agradou; é pena que por qualquer motivo seja a parte entre as duas linhas de cúpulas coberta por dois telhados de madeiras de ângulo bastante agudo. Ainda examinei uma porta da grande mesquita com chapas de bronze, onde estão figurados cálices em baixo-relevo; até um deles apresentando 2 outros muito menores sobre seu relevo. Duvido de que sejam os cálices da missa, embora uma inscrição grega no resto do arco triunfal de O., mas que não pude ler por estar coberta de fragmentos de pedra diga que — a igreja de S. João Batista fora restaurada por Arcadius filho de Teodósio.

Já me tinham mostrado no interior da grande mesquita uma espécie de cenotáfio onde dizem guardar-se a cabeça do Batista.

Antes do jantar tomei um banho turco assim como já o fizera em Beirute. É muito agradável, porém faltam os esguichos e emborçações deliciosos de água fria do estabelecimento do Dr. Pallath de Londres.

Às 5 fui até o Tekyeh É uma espécie de claustro rodeado de colunas e com mesquita onde se recebem os peregrinos de Meca e são alimentados pela renda do estabelecimento. São 2 perto um do outro construídos o maior em tempo de Selim e o outro de Suleyman. Acomodam mil peregrinos.

Aqui há um externato de meninas (500) das Irmãs de Caridade e uma escola de meninos (14) dos Lazaristas. O superior Fr. Najesan esteve há pouco comigo. Tem uma barba respeitável. Não me pareceu dotado de grande fervor pelas escolas.

Amanhã parte minha caravana às 5 da madrugada.

Antes do jantar fui até o alto de uma colina oposta à cidade do lado de uma vilota. Goza-se aí de uma vista admirável. Os edificios da cidade elevam-se do engaste de verdura que contrasta com a nudez das montanhas. Ao entrar nessa povoação está ao lado direito a casa de sobrado com uma porta de ornatos mouriscos onde morava Burton de quem todos falam bem assim como de lady Burton.

Vi antes de ontem as igrejas grega católica e maronita. Nada tem de notável o superior dos Lazaristas que se refugiou com os cristão em 1860 no castelo disse-me que a matança seria de 1200 a 1300.

**18 de novembro de 1876** — Cheguei ao pouso às 3 ½. A saída foi às 5 da madrugada. Céu cheio de estrelas. Rompia a marcha um piquete de soldados turcos; depois cavalgavam alguns árabes com a cabeça coberta à beduína e outro diante hasteando longa lança de bandeiras verde e amarela, seguiam-se 6 tarantuas (liteiras) com a Imperatriz, Josefina, Dr. Fontes, Bom Retiro, que torceu a perna durante a excursão de Baalbeck — não é coisa de cuidado e anda apenas com

alguma dificuldade e Leonédia, os cavaleiros e enfim uma guarda a cavalo turca. Passado pouco tempo o Dr. Fontes preferiu o cavalo e Joanhina tendo caído entrou em liteira, que depois do almoço deixou para seguir outra vez a cavalo.

O clarear do dia foi roseando as neves do Monte Hermon, cujo resto da serra apresentava um azulado transparente, lindíssimo, encantou-me. A planície ostentava-se risonha e tudo prometia a jornada que tivemos. O solo era pedregoso, mas para o lado das montanhas cultivado e o aspecto destas tão belo quase como na Grécia, cujo verde claro do céu também observei um pouco esta madrugada.

A serra do Hermon sempre à direita dominando ele a paisagem com sua cabeça venerável toda encanecida e pouco tempo depois muito longe à esquerda a linha levemente azulada das montanhas do Hauran. Grandes fatos de cabras, algumas gazelas que quiseram cerca toda a brida e sobre as quais atiraram valendo-lhes as pernas ligeiríssimas que Deus lhe deu e dois ou três pássaros chamados gattas, cujas penas dizem refletir às vezes lindas cores variaram o cenário.

Às 10 acampamos para almoçar em Khanicheir, bonito lugar com suas árvores ainda verdes ou já amarelas de frio — e a madrugada bem se mostrou a estação — junto a um arroio pretencioso com suas orlazinhas verdes. Uma hora antes tínhamos passado pela aldeia de Artours que nos ficava à esquerda e um pouco mais a de Kawikaba sobre uma colina por detrás da qual dizem que fôra a conversão de S. Paulo. Aí se vê uma estrada romana.

Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning ambos nós sentados perto do arroio Dhirani.

S. Paulo aproximava-se de Damasco quando ouvi a voz celeste e se fosse isto no lugar de que falei noutra dia os Atos dos Apóstolos diriam que S. Paulo chegava a Damasco; contudo as pedrinhas que não podia arranhar no segundo lugar sempre tem valor.

Seguimos à 1h 10'. O terreno é mais acidentado e pedregoso. Só há arbustos por onde passa outro arroio que poderia ser ainda mais modesto para maior felicidade da passagem das liteiras. A margem oposta à que seguimos até atravessá-lo é um pouco elevada e cheia de pedras grandes que em muitos casos são pontas do rochedo de textura lamelar. Ao chegar a este pouso chamado Sása estende-se vasta planície bem cultivada e toda verdinha do lado esquerdo — creio que elevada — do direito vi indícios de cultura de cana de açúcar.

Minha tenda olha para a colina há 2 Khans.

Por detrás fica a planície que termina na serra do Hermon. Corre perto o Djenani, que forma com o Arni o Awadi; o Forpos da Escritura. Há as mesmas árvores que no lugar do almoço. O arroio do ponto do almoço talvez seja o Sabirani (e não Dhirani) que mais abaixo é chamado Awadj.

Durante o trajeto de Kanicheir até cá vi pombas selvagens voando, e antes no almoço reparei em montículos de terra com uma cavidade superior que levantam perto de lugares onde se guardam animais para aí se porem os grãos que eles comem. Só depois do almoço é que houve vento forte de rajadas mas agora está o céu sereno e espero que o tempo excelente continue.

Esta madrugada vi uma estrela cadente com longa réstea de luz. Mais bela observei eu em Beirute a 12 voltando do passeio. Não me tenho esquecido deste fenômeno do mês de novembro, quando a viagem me permite.

**19 de novembro de 1876** — 3h <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. Chegamos ao pouso de Koneitirah aldeia pequena.

O Hermon já fica para trás.

Saída às 6h <sup>1</sup>/<sub>4</sub>. Antes vi os dois Khans que de um tem uma porta de volta ogival que não deixa de ser elegante. Subi ao cimo da colina onde está o outro. Vi sobre o solo no alto pedras negras porosas que parecem vulcânicas. Havia famílias beduínas nesses Khans com suas cabras, boisinhos [*sic*] e burricos.

A manhã estava lindíssima. O tufo de choupos produzia aprazível efeito. As águas do Djenani murmuravam e borbulhavam movendo dois moinhos.

Cedo começou um caminho horrível sobre pedras e lagedos, mas onde aparecia de vez em quando a calçada romana em sofrível estado. Durou este escorrega aqui, escorrega acolá dos cavalos e burros das liteiras quase hora e meia. O que carregava por detrás da liteira da Joanhina caiu. Ela gritou um pouco achando-se em posição tão inconveniente, porém nada sofreu a não ser em seu pudor. Eu ia adiante — honni soi qui mal y pense!

Depois atravessamos algumas colinas baixas e um descampado com pedras soltas, mas não inumeráveis. Havia arbustos algum tanto raquíticos e pequenos carvalhos entre plantas quase rasteiras todas estreladas de espinhos. Dizem que não apareceu água no lugar destinado para o almoço e por só se lhe fizeram honras esplêndidas perto do meio-dia. O

sítio era bonito pelos planos e linhas do terreno e gradações da luz. Apareceram beduínos e reparei como as mulheres que pintam de azul com figuras a testa, braços, mãos e até seios e tingem dessa cor todo o lábio inferior.

Ontem de noite fizeram charivari no acampamento, mas o frio nem me deixou dormir bem apesar de enrolar-me bem num cobertor, que é conhecido de Atenas, mas aí tudo era belo, luz, calor e vida. A água num copo fora da barraca gelou toda. Encontrei pedaços de gelo como vidros nas pedras do caminho até muito depois do nascer do sol.

Traduzi Atos dos Apóstolos em relação a S. Paulo com o Henning e li um pouco de meu guia.

Levantou-se campo às 2  $\frac{1}{4}$ . A tarde está de um tom tão límpido e suave que arrebatava. Os frios de Hermon condensando a umidade encobrem-no muito ligeiramente num véu luminoso. Apareceram muitos rebanhos de carneiros durante o trajeto depois do caminho ruim. Voaram creio que algumas pombas. Deram-lhe um tiro, mas elas tem asas com pernas as gazelas.

Os diretores da caravana são os irmãos Antônio e Mulhelm Uardi (rosa em árabe). São do Líbano, maronitas e vivem em Beirute. Antônio é a agilidade, atividade e infatigabilidade em pessoa. Traja da maneira mais pitoresca e elegante com seu lenço de fino tecido e às vezes lindamente bordado, atado à roda da cabeça e pendente por detrás, como usam os beduínos.

Não faz esta noite tanto frio como ontem.

Antes do jantar à 6 fui ver a aldeia. Seu terreno foi concedido pela Turquia e emigrados Circássios *[sic]* — umas 80 famílias. Pouco cultivam e recebem: criança 100 dracmas e homens feitos 200 por dia.

Este sítio tem boas pastagens — desde o sítio de olmo — Ain-rakat — que vejo o solo verde de grama agora pouco crescida. Os Beduínos até o número de 2000 — os que tenho visto até agora são trigueiros e parecerem *[sic]* cabras e tem cabelos corridos — vêm em tempo próprio pastorear seu gado aqui.

Num muro da casa do Kamaikanato e perto de uma porta há uma pedra no meio das outras com algumas palavras gregas de inscrição muito gasta.

Disse-me o tesoureiro do Kamaikanato, que aliás pareceu-me estúpido, que numa igreja, que se acha em ruínas, havia outra pedra com inscrição grega, porém não me pode mostrar, embora a procurasse. Durante o jantar as cornetas de chaves *[sic]* da guarda de cavalaria caramelaram-nos bastante com um sonzinho às vezes fanhoso que tinha sua graça. A cadência muitas vezes convidava a dançar.

A noite está belíssima, porém o pôr do sol acompanhado no crepúsculo de um princípio de luar é que foi admirável, sobretudo pelas matizes de azul do lado de Hermon cujo topo nevado vê-se já muito na direção oposta à nossa e para cima do terreno elevado onde acampamos e se projeta sobre essas montanhas.

Amanhã saímos às 6 e de tarde estaremos às margens do Jordão e entrar na Terra Santa.

**20 de novembro de 1876** — A noite passada foi melhor. Não gelou.

Saída às 6. Céu com nuvens. Chuviscou; abri o chapéu-de-chuva e minha égua branca espantou-se; segurei-me. Pararam os choviscos e fechei com gosto o incômodo instrumento. Tornou a cair água e ao abrir de novo o chapéu espanta-se a égua; agacha a garupa e eu meio deitado em chão felizmente de relva. Pouco me posei e logo cavalguei meu cavalo de Baalbeck e do primeiro dia e parte do segundo.

Daí a pouco mais ou menos meia-hora comecei a ver o lago Merom ao norte do de Genazaré para onde corre o Jordão depois de atravessar aquele vindo do Monte Hermon.

Chegamos às 9h 20' ao lugar do almoço depois de ter passado por cabanas de paus, esteiras e cobertura de terra dos beduínos que procuram esse lugar chamado Ain-Mahron, por causa da excelente água da fonte. Domina o lago de Genezaré que estende ao longe seu manto azul. Mais afastado descobre-se o Tabor de forma arredondada surgindo de uma planície.

Descemos a maior parte da chapada do Djuran (antiga Gaulonetide). Perto da fonte há ruínas creio que de um Khan e sobre as pedras crescem algumas árvores meio raquíticas.

Depois do almoço li bastante de meus guias.

Seguimos à 1h  $\frac{1}{2}$ .

Terreno pedregoso a cerca de  $\frac{3}{4}$  antes de chegar aqui terrível por ser de descida, só as pernas do cavalo me livraram de nova queda. A vista pagava o risco. À esquerda o lago de Genezaré entre altas montanhas; defronte elevada serra por detrás da qual esconde-se Safed e à direita o lago Merom com suas margens esverdeadas de plantas palustres; para o

fundo o Líbano e um pouco para trás desse mesmo lado o Hermon, que revestiu sua cabeça nevada de um turbante de nuvens.

Chegamos à margem esquerda do Jordão, que será na largura do porte do Maracanã, que passa pela quinta de S. Cristóvão e atravessada a ponte (Djissr) das filhas de Jacob (beniti-Yacub) pousamos logo à margem direita do rio. Antes da ponte de pedra com três arcos ogivais, por baixo dos quais encachoeira um pouco o Jordão, passaram-se ruínas como as de Ain-Nahron, a que conduz antiga calçada, que já tinha observado na direção desse Kahn antigo e depois uma torre redonda arruinada.

A ponte é a única sobre o Jordão e a garganta por onde corre o rio debaixo dela tem 25m de largo. Estamos a quase 230m abaixo do nível do mar; que tal é a altura da superfície do lago de Genezaré que não se acha muito distante.

Desde Koneitirah descemos mais de 1200 pés. Poucos arbustos pequenos e espinhosos ornaram as margens deste rio e junto ao Khan vi alguns cactus. O caráter severo da paisagem convém à austeridade e simplicidade da religião de Cristo. Não sei a origem do nome deste lugar; apenas leio ser rabinica.

Antes do jantar fui até o rio onde os criados já tinham apanhado alguns peixinhos com alfinetes feitos anzóis. Tinha aparecido um grande peixe que debalde quiseram pescar com um gancho de cozinha. O rio é muito fundo e tem correnteza muito forte abaixo da superfície. Reparando melhor penso que é um pouco mais largo que o Maracanã. Fiz dois croquis logo que chegara e quando me achava à beira do rio passou um bando de pássaros pretos tão numerosos e altos que pareciam poeira de carvão. Ao afastarem-se para o lado do Merom formaram como uma nuvem redonda. Também apareceu escondendo-se depois nas ervas da margem oposta uma espécie de galinha d'água.

Nas ribeiras há uma espécie de frechas e nos morros descobrem-se algumas árvores, mas a primeira impressão não foi desvanecida. Encontrei o Kaimakan de Tabarieh (Teberíades) com sua gente que vinha cumprimentar-me no terrível caminho de que falei! Apearam-se e quiseram beijar-me a aba da sobrecasaca. Felizmente como não sabem língua que eu conheça, na maior parte dos casos não são incômodos: um shake-hand ou cumprimento de mão avia-os logo.

Em quase todos os campos que tenho atravessado estes dias vi buracos de ratos. Lembrei-me dos que roeram as cordas dos arcos dos arqueiros assírios de Senacherib. Até dentro da barraca do Lamare no pouso de ontem havia dois desses buracos. Tem fuzilado para o lado do Líbano desde o anoitecer, mas agora (7h) o céu clareou e as estrelas refletem-se no Jordão, cujo murmúrio na cachoeira ouve-se distando convidando ao sono, mas eu vou ainda ler na cama e pensamentear até dormir; amanhã sai-se às 5 ½ por causa do giro de Cafarnaum (hoje, segundo opinião, Tell-Hum).

Ao atravessar caminhos tão ruins, mesmo perigosos, refleti por vezes que os Estados Cristãos poderiam ter se reunido para abrir uma boa estrada e desvios para visita dos Santos Lugares. Ah se o Papa tivesse com o apoio dessas potências mudo [*sic*] seu domínio temporal para este território quando se houvera lucrado também com a realização da idéia, que me ocorreu! Além de que me repugna ver Kamaikans etc. por estes lugares.

**21 de novembro de 1876** — Estou às margens do lago de Genezaré. As impressões da noite passada e deste dia exigiriam outro narrador cuja pena remontasse à altura de seus sentimentos.

A noite foi tormentosa; duas trovoadas ribombaram nos vales da Galiléia; os chacais uivaram e tudo era mais silêncio e trevas que os raios iluminavam. Felizmente não houve vento forte que levasse as barracas, mas assim mesmo batiam as estacas de vez em quando. Eu pouco dormi preocupado de uma provável interrupção de viagem.

Às 4 ½ levantei-me; tudo tinha passado e antes da 6 em marcha com fogaréus. Subida cheia de pedras, mas clareou o dia e vi lugares verdes; bastantes bois num grotão onde se abrigaram da tempestade e na encosta das montanhas do lado de Safed misiráveis aldeias e perto de uma delas um pomar de um verde que se enlevava, porém tão longe! Atravessamos lugares de pasto quase sempre com os arbustos espinhosos que já mencionei e chamam indevidamente rosas do Jordão por causa de suas florezinhas, também não havia outras. Também encontrei como já o tinha feito uma espécie de erva doce ou funcho com muito bom cheiro.

As nuvens enegreciam e começou a cair chuva por pequenas batéguas. Pelo sim pelo não o chapéu-de-chuva não se abriu; barra o cautchú. Ao aproximar-me do chamado Poço de José (Bir-Yusuf) estava o chão alastrado de pedras amareladas e tão cheias de buracos — quase rendilhados — que figuravam ossadas. O poço de José é um antigo Khan ao pé de uma colina sobre a qual vi um poço de pequeno diâmetro quadrado todo entupido de pedras. Aí cheguei às 9h

As tarantuas continuaram seu caminho e eu tomei à esquerda descendo mais rapidamente para o lago, que ainda não me parecia tão belo como depois.

Às 10 ½ estava à margem dele em Tell-Hum. O chão está cheio de troços de colunas; pedaços de entablamento com baixos-relevos, alguns de desenho curioso e um capitel corintio. Os beduínos, que aí acampam, serviram-se de outros rastos para suas casas, que parecem de bichos. Achavam-me no lugar da sinagoga onde Cristo pregou. Fiquei por momentos absorvido em minhas contemplanções e depois só tinha vontade de correr com esses beduínos para fora desse sítio.

A praia é só pedras soltas e olha quase para o fundo do lado da outra parte do Jordão que vai sumir-se no Mar Morto.

Perto das ruínas há palmeiras muito baixas e *nerium oleander* — custa-me a dizer *espirradeiras* — em abundância e alguns com flores. O lado de *O/este* onde se abre o Uadi-Haman (vale dos pombos) apresenta uma garganta cujas montanhas laterais parecem de Tell-Hum recorta-se com o perfil dos degraus de um anfiteatro. Fiz um croquis à pressa, que o tempo voava para mim e dirigi-me mais ou menos pela margem do lago para Betsaida, lugar do almoço, depois de ainda olhar para as ruínas da sinagoga, como posso admitir que o fosse apesar da aparência romana e outra que dizem ser da casa da sobra de S. Pedro que ele curara e onde dizem residira com N. Sra. durante sua pregação em Cafarnaum e vizinhanças.

Trouxe fragmentos das pedras da sinagoga.

O caminho passa depois por uma fonte sulfurosa — o gosto é leve — onde julguei ver as ruínas de um estabelecimento balneário e ladeando rochedos iminentes ao lago e passando por um conduto, que serviu já para água cavado na rocha e onde não sei como os cavalos não caíram — só lhes falta descerem por uma parede — dei-me comigo em Betsaida num campo junto ao lago. Não há aí senão as ruínas talvez de um Khan, por causa das voltas ogivais e sobre um outeiro próximo muitas pedras de ruínas.

Em Betsaida nasceram S. Pedro, S. Filipe e Sto. André.

Talvez o conduto de água no rochedo já não servisse no tempo de Cristo e ele passasse muitas vezes por esse caminho mais curto entre a cidade e o da sogra desta *[sic]*.

Cheguei aí perto do meio-dia. Depois do almoço li os guias e a 1 ¾ comecei o trajeto encantador desta tarde; ora à vista do lago que o vento encrespava, ora onde as águas dele batiam na praia até El-Medjdel (Magdala). Antes da aldeia dobrava com o vento seu porte elegante uma grande tamareira e defronte para o lago agitavam-se os ramos de uma das roseiras do tamanho de árvore.

Esta povoação é como quase todas as outras.

Que contraste com a bela pecadora! O caminho principiou a subir pela encosta das montanhas — pouco depois de Betsaida passara na planície à vista do belo vale dos pombos — e daí ainda gozei mais do espetáculo do lago e das montanhas fronteiras, que a brilhantava o sol a esconder-se por detrás das que seguia o trilho. A superfície do lago achamlotava-se *[sic]* ligeiramente e duas velazinhas branqueavam para a banda oposta. As margens são quase sempre cheias de pedras, que às vezes formam como um molhe a entrar pelo lago. Há algumas n'água que semelham altares. O trilho estava orlado de lírios arroxados *[sic]* que, pela proximidade da montanha onde Cristo pregou o divino sermão, lembraram-me o verso 28 cap. 6 de S. Mateus: “vede os lírios dos campos como crescem; não trabalham, nem fiam”, colhi boa porção.

Enfim apareceram os rochedos perto de Tiberiades cobertos de povo e depois as torres da outrora importante cidade cujas muralhas esbandalhadas por dois terremotos ainda fazem vista.

Os tarantuas passaram por fora e eu com outros atravessamos a cidade com suas ruas tortas e estreitas muito sujas e seus bazares e fomos todos depois de atravessarmos o acampamento, até a casa de banhos termiais construída no governo de Ibrahim-Pacha. Aí chegamos às 4 ½. A água corre em grande quantidade e quase de pelar, mas sem cheiro nem gosto. Vem das montanhas próximas, cuja estratificação é muito curiosa e tem muitas cavernas, na maior parte cavadas no rochedo, segundo penso.

Na praia entre a cidade e a casa dos banhos há troços de colunas, uma torre redonda maciça e diversas outras ruínas.

A vista deste acampamento é muito bela. Esconde-se o lago defronte até as montanhas, cujos cimos traçam quase como uma reta; à esquerda vê-se a cidade murada e torreada formando uma ponta; além o lado de onde viemos e por detrás e à direita levantam-se altas montanhas acidentadas, fechando quase inteiramente por este lado a saída para o Mar Morto. A noite está ventosa e fuzila um pouco para o mesmo rumo de ontem.

As liteiras tem vindo muito bem, só ontem caiu a Josefina do mesmo modo que sucedera à Joaquina. O Bom Retiro tem já vindo a cavalo a maior parte do tempo.



**22 de novembro de 1876** — Saímos às 5 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. De noite ventou bastante e à saída ameaçava chuva.

Fomos á pequena igreja católica fazer oração e encontrando aí Frère Lievin autor do melhor guia que tenho consultado e oferecendo-se ele a acompanhar-me até Jerusalém disse-lhe que muito prazer tinha nisto e ele foi logo buscar o cavalo e eis-me com esse frade e mais o superior do convento de Nazaré na caravana.

Seguimos às 6 <sup>1</sup>/<sub>4</sub>. Começou a cair chuva e depois neblina e por isso só vi de longe, porém muito bem a montanha do Sermão que pela sua formam [*sic*] os cornos-de-Hattin.

Guy de Lasignan tinha sua tenda sobre essa montanha quando foi derrotado por Saladino na planície que atravessamos e onde não muito longe da montanha fez Cristo o milagre da multiplicação dos 5 pães e 2 peixes. Frère Lievin tudo me explicava e muito me agrada por seu caráter singelo e jovial, além de ser bastante inteligente. É belga de entre Anvers e Gand.

O tempo principiou a prometer bom dia e enfim descobri a extensa e belíssima planície de Esdrelão, de solo feraz e bem cultivada.

O Tabor descobria-se distante e antes de chegar ao lugar do almoço perto de sua base passou-se uma grande garganta muito pitoresca cheia de carvalhos brancos. Eram já 10h, mas temendo que o cimo do Tabor se enublasse continuei por ele acima, ficando as liteiras e alguns dos que as acompanham em baixo. O caminho é apenas praticável para as pernas destes cavalos. Gastei <sup>3</sup>/<sub>4</sub> até o cimo. Que vista admirável desse ponto o mais elevado da Palestina. Está a 1000 pés acima da planície. No cimo de km <sup>1</sup>/<sub>2</sub> de comprimento e 600 a 800 m. de largura há ruínas de fortificação de diversas épocas, sendo as mais antigas dos romanos e de uma igreja do tempo de Sta. Helena, de que me deram pedaços de mosaico. Há bastante a estudar em todos estes restos, descendo-se nos da igreja para uma cripta por uma escada de 12 degraus. Acha-se pegada a pequena capela dos frades de Nazaré. Fiz oração aí e depois percorri tudo, gozando sobretudo da vista que descobre até parte do Mediterrâneo por detrás das montanhas do Carmelo girando para a esquerda enxergam-se as aldeias de Naim e de Endor; os montes de Galaad, perto do lago de Genezaré; as montanhas do Hermon e onde se dependuram Safed cobertas de nuvens.

A planície para esses lados continua a ser bem cultivada e perto da Aldeia de Daburieh quase ao sopé do Tabor há 3 bonitas plantações de oliveiras; os cactos dividem muitas das propriedades. Entre as montanhas a que se apoiam Naim e Endor; e o Tabor corre o Cison, onde Sisara foi batido.

Quanto senti não ter à mão a Bíblia para ler o canto de Deborah!

Aí se dividem as águas do Mediterrâneo para onde corre o Cison das do Jordão. Ainda visitei [*sic*] o Convento Grego não unido, que divide com o outro pelas hortas e a hora forçou-me a deixar o Tabor que jamais esquecerei.

Disse-me Frère Lievin que desinteligências entre os dois conventos tem embaraçado a construção de um caminho propriamente dito para subir o Tabor. Eu obrigaria cada visitante a pagar um tanto para essa obra.

Desci em <sup>3</sup>/<sub>4</sub> e por fim almocei à 1 <sup>1</sup>/<sub>2</sub>.

Levantamos campo às 2 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> e por um caminho muito ruim chegamos às 4h <sup>3</sup>/<sub>4</sub> à risonha Nazaré num lindo recanto de montanhas e em grande parte novas e bonitas ao menos por fora em anfiteatro. Atravessamos a cidade, orando por alguns instantes na igreja da Natividade que está no convento de Frère Lievin e acampamos do outro lado da cidade em uma verde e alegre pequena planície, antes das 5 <sup>1</sup>/<sub>2</sub>.

Amanhã antes de seguir viagem visitarei tudo o que há de curioso na cidade.

Ao atravessá-la vi a fonte chamada da Virgem, que tem duas bicas, que pingam sómente para assim dizer e é notável unicamente por ser tradição que N. Sra. aí vinha buscar água.

A estrada em Nazaré foi uma das mais notáveis desta viagem. A população acudiu em grande parte fora das portas formando alas e muitos meninos cantando, outros numerosos ocupavam os terraços das casas e as alturas. Os sinos repicavam e as palmeiras balançavam-se por cima da porta da cidade.

Tomara já o dia de amanhã para melhor ver tão linda povoação em sitio tão encantador, sobretudo depois de pedras e mais pedras. Este lugar parece mesmo criado em região quase sempre agreste para nascimento da Virgem Mãe de Deus.

Vou jantar. A noite serena e estrelada e com lua misteriosa está contribuindo para o enlevo que me causa Nazaré (da palavra árabe Násrah, que significa flor).

Cada vez aumenta minha dificuldade em exprimir o que sinto e no meio de tais impressões por força me esqueceram muitas coisas.

A igreja católica de Tiberíades é reparação de outra construída por Tancredo. Nessa cidade há um quarteirão importante de judeus que pela maior parte falam alemão e muitos português e espanhol.

Entre Tiberíades e os banhos, que se chamam Hammath, encontra-se um cemitério, onde dizem estar enterrado o célebre filósofo Maimônides predecessor para assim dizer de Espinoza.

Frère Lievin reside há 18 anos na Terra Santa. É amigo do Saucly, Clement-Ganesa e Guérin e de outros que também conheço de nome ou de vista e tem acompanhado viajantes notáveis da Palestina. Falou-me com saudades de Sebastião do Rego Barros. Tem idéias de homem esclarecido e não se pode estar aborrecido em sua companhia.

Em Daburieh junto à base do Tabor Cristo tirou um demônio mudo do corpo de um menino, que julgo ser o figurado como possesso no quadro da Transfiguração de Rafael. Também aí aguardaram a Cristo os 9 apóstolos, que não assistiram à Transfiguração.

Antes de ver a planície de Esdrelão passei pela aldeia bem situada de Lubiek onde há bonitas plantações. Também se encontra depois desta aldeia Khan-eh-Tudjar (Khan dos Mercadores) já em ruínas construído em 1587 para as caravanas do Egito. Há aí uma feira toda as 2<sup>as</sup> feiras.

Perto do acampamento do almoço vi eu um de Beduínos onde reparei em fisionomias curiosas. Disseram-me ter vindo daí uma mulher belíssima com três armilas no braço, quando eu fiz a digressão ao Monte Tabor.

Ainda falei do aspecto dele quando eu seguia para Nazaré. Elevava-se sobre a planície como um sino imenso que tal é sua forma visto desse lado. Está todo cheio por todas as bandas de carvalhos brancos. Descendo o monte vi pela primeira vez grandes águias pairando. Disse-me Frère Lievin que eram tão frequentes dantes que matavam-nas pousadas nas árvores.

**23 de novembro de 1876** — Pouco depois das 6 fui ver a cidade entrando pelo lado da fonte da Virgem. De cima da colina mais elevada ou antes montanha vi a *E[ste]* o Tabor de que diz Jeremias: “Juro por mim mesmo, diz o rei que se chama Senhor dos Exércitos, que Nabucodonosor em sua vinda assemelhar-se-á ao Tabor entre as montanhas e ao Carmelo que olha para o mar” (Jer. 47,18) E a *O[este]* descobria eu o Carmelo; Caifa, seu farol; o Mediterrâneo e mais para o N. S. João d’Acre. Por detrás de mim no horizonte erguia-se o venerando Nermon com suas cãs de neve. Não muito longe distinguia-se sobre uma colina, Seforis pátria de S. Joaquim. Tudo sob um céu de safira e erisado das cores de uma manhã formosíssima.

Antes de fazer essa ascensão que não é difícil e deixa apreciar completamente as belezas de Nazaré tenho orado na capela edificada no lugar da oficina de S. José, de que só mostram algumas pedras na parede à esquerda da porta de entrada. Descendo visitei o colégio inglês muito bem situado e construído com algum gosto e onde há 30 meninas internas e apenas 4 externas. A diretora está em Londres e a regente deu-me uma fotografia do exterior da casa e folheto explicativo. Gostei dos arranjos do colégio. As meninas almoçavam.

Depois visitei o convento das Damas de Nazareth É modesto, mas assim mesmo educa 20 e tantas internas e perto de 200 externas. Aí escrevi uma carta a Mme. de Vaux, que por causa do atraso de vapores creio não ter recebido minha carta de Beirute e a de Mme. Guyot. A de agora foi levada para um soldado a Caifa e as 7 horas de Nazaré para uma caravana e espero ver Mme. de Vaux em Jerusalém. A superiora em Nazaré chama-se Bridelle. Não me agradou como Mme. Guyot de Beirute.

Da casa das Damas de Nazareth onde achei a Imperatriz fomos ouvir missa à Capela da Anunciação. Desce aí por uma boa escada de pedra dentro do edifício. Antes da gruta dizem que se achava a casa que apareceu por fim em Loreto. Do lado direito da gruta, que cobre o altar debaixo do qual, num pequeno vão, vê-se uma pedra de mármore indicando o lugar onde a Virgem percebera o anúncio da boca de anjo, há troços de colunas de pedras descendo o superior do alto da gruta e o debaixo elevando-se do chão dela. Do lado esquerdo do altar há uma porta conduzindo a outro vão onde se acha segunda capela menor com um altar, dando as costas ao primeiro e subindo sempre desse lado uma escada vai-se a terceiro vão ou gruta que dominam a casinha da Virgem. Também por aí é o caminho do coro por cima da capela da Anunciação. O povo assiste à missa principalmente dos degraus da escada porque o espaço da capela é apertado. Guardo como lembrança algumas pedrinhas dessa gruta onde o Santo Sacrifício da missa muitíssimo me comoveu.

Visitei a escola do convento dos frades franciscanos onde está a capela. O número dos estudantes de instrução primária e de italiano é de 100 e tantos.

Finalmente vi o lugar — que só este se mostra — da sinagoga onde Cristo começou a pregar e excitou os ânimos a ponto de quererem despenhá-lo da montanha chamada de precipício, de que falarei depois, a capela chamada Mensa Christi que cobre a grande pedra onde Cristo partira o pão com os Apóstolos depois da Ressurreição; a igreja Maronita e a chamada Casa-Nova, onde os franciscanos hospedam os peregrinos. Está muito limpa e bem arranjada. Tem 9 bons quartos com duas camas cada um podendo acomodar mais duas.

Segui para o acampamento onde tendo almoçado às 10 parti às 11h 5'.

O caminho até alcançar a planície de Esdrelão é péssimo sobretudo ao descer para ela. Os cavalos do Pedro e do Lamare caíram com eles, porém não se machucaram muito.

Vi ainda o Tabor por bastante tempo, porém antes da descida passei por perto da colina até onde dizem que a Virgem correria quando o povo perseguia Cristo querendo matá-lo e por isso se chama do Susto.

Na planície atravessei o Cison que era apenas uma ligeira depressão do terreno e vi de longe o pequeno Hermon de onde fiz uma legenda os descendentes de Seth reconhecendo que suas penitências não lhes restituíam o paraíso desceram para casar-se com as filhas dos descendentes de Caim dando origem aos gigantes; as ruínas da fortaleza de El-Fuleh, do tempo das Cruzadas junto à qual ganharam os franceses a batalha do Monte Tabor, que já se descobre daí.

Zeraine (Jesrael) onde sucederam os fatos bem sabidos do reinado de Achab e Jezabel, ficando perto a vinha de Náboth; Sunam rodeada de verdura, viçosa como Abisag, a Sulamita, que aí foi escolhida para remocar o velho Davi; os Montes de Gelboe que a poesia do filho de Isai tornou célebre lamentando a morte de seu rei e de seu amigo; Ain-Djalud, em cujas vizinhanças Gedeão escolheu os 300, que não beberam como cães e outros lugares bíblicos menos interessantes.

Às 4 chegamos a nosso pouso defronte da cidade de Djenin espécie de oásis com árvores e palmeiras encostadas às montanhas que fecham a planície de Esdrelão do lado de S. Os tarantuas não puderam entrar como eu e os cavaleiros por baixo dos arcos do aqueduto de um moinho, e que foi mais característico.

Muito conversei com Frère Lievin de quem gosto cada vez mais por seu espírito esclarecido e portanto tolerante.

Não pude senão olhar para as bandas onde fica a montanha do Precipício; outras a encobriam. Os soldados de nossa escorta *[sic]* e sobretudo os que foram de Djanine *[sic]* a nosso encontro fizeram admiráveis fantasias. Não sei como não houve mais quedas além de uma segunda do Pedro, que nada sofreu. O Romão também caiu com o cavalo, mas sem incômodo.

Vejo no Gênesis 32,33 que Jacob atravessou com 2 mulheres, 2 criadas e seus 11 filhos (sem distinção de sexo) o vão (Iaboch) (do Jordão) — depois de ter reconciliado com Labão e talvez confundissem a palavra — iaboch com iacub — no nome do lugar da ponte. Mas a palavra beniti que significa filhas?

Os mucres (criados da caravana) fizeram uma festa depois do jantar. Começaram por conduzir 2 deles arranjados como burros de tarantuas com muitas campainhas, ao som de uma espécie de flauta e das cornetas de que já falei. Depois houve o jogo do alforje, com o qual fazem mil passos, quase a tocar um dos jogadores no outro. Seguiu-se dança cantada em torno de outro e de um fogaréu com muito sapateado. Trouxeram depois 4 em pé sobre os ombros de outros, formando como um templo circular com sua cúpula e também cantando girando e os de cima pulando nos ombros dos carregadores. Fizeram ir aos ares um e mesmo dois deitados num tapete, que agitavam rapidamente de baixo para cima; ainda sapatearam cantando em linha, que avançava e recuava e finalmente renovou-se o jogo do alforje, segurando cada um dos dois combatentes numa espécie de prato envolvido em pano branco que movia como um escudo. Admira como ainda são tão ágeis depois de aguentarem tarantuas durante mais de 5 horas.

Agora vou me deitar depois de ter traduzido quase todo o canto de Débora numa Bíblia hebraica, ajudando-me o Henning.

Amanhã é preciso sair às 5 ½ da manhã, porque há muito que ver no caminho.

**24 de novembro de 1876** — Saímos de Djenine *[sic]* às 5 ½. Este lugar é famoso pela tendência de seus habitantes a apropriar-se o alheio, porém creio que nada nos falta.

Em Nazaré eu vendo umas torres de pedra disse-me Frère Lievin que eram para secar frutas dormindo os donos por baixo afim de não haver algum furto.

Desde ontem que Bom Retiro por aparecer-lhe gota no calcanhar direito e Fontes por seu antigo incômodo andam de liteira.

Passa-se por um vale estreito e entra-se depois na bela planície de Burkiné os lugares notáveis foram só de vista e mais ou menos longe Dothan onde Frère Lievin disse-me que está o verdadeiro poço de José chamando-se o lugar dele na Bíblia Dothain.

Djeba povoação considerável na encosta de bela montanha que forma parte de um dos vales por onde se vai a Betulia.

Cidade de Judith a 1 hora de distância e hoje Sanur e Sileh ainda mais lindamente situada num grotão e toda rodeada de oliveiras e figueiras e com uma fonte ao pé onde observei uma Samaritana, pois a Samária começa desde Djenine, descobrindo-se da estrada que lhe é superior o Mediterrâneo e o lugar da Cesaréa junto ao mar de que foi bispo Sto. Eusébio autor da célebre obra “Prepara Evangélica”.

O Monte Hermon vai-se do lado do sul como quando atravessamos a planície.

Deixamos a uma lado Cabarieh onde quando veem um cristão gritam logo Nasraclutah; Nast Machetah — Nazareno que vende a mulher; Nazareno de fê mesclada.

Também antes de chegar às 10  $\frac{1}{4}$  a Sebastieh (Sebastos de Herodes — Samária do reino de Israel) vi ao longe a aldeia de Borca onde os habitantes gostam de ofender aos cristãos. Almocei em Sebastieh, cuja posição é elevada a 300m sobre o mar e é precedida de um aprazível vale plantado de oliveiras, referindo-me Fr. Lievin que na Judéia uma oliveira rende 10 fr. por ano e depois fui ver as colunas que restam segundo penso, de um vasto pórtico, retangular e de um templo, que não era muito grande existente no meio daquele. As colunas são dóricas e monolitos de pedra calcárea de dimensões regulares.

Atravessando para o lado oposto a miserável aldeia que substituiu a cidade tão notável na história dos Judeus e que Heródes chamou Sebastos em honra de Augusto que lhe deu esse terreno e onde ele esposou Mariana descendente dos Macabus e mandou estrangular por suspeitas políticas os filhos que teve dela, casando-se depois com Maltacea natural dessa cidade.

Fui ver as ruínas da igreja do tempo das Cruzadas e onde achei sinais de ter substituído outra bizantina. É de bom gosto tendo três absides. No interior há uma casa de oração muçulmana muito ordinária e uma cripta a que se desce por 21 degraus e onde mostram-se três óculos feitos numa parede e que alumiados internamente, reconhece-se abrirem para túmulos de pedra, mas não cavados no rochedo como costumavam ser os dos antigos hebreus. O do meio dizem ser do profeta Abdior; o da esquerda de quem olha de Eliseu e o da direita de S. João Batista. Há três outros óculos por cima destes e mais três vãos acima daqueles. Eliseu morreu com efeito na cidade de Samária, mas quanto ao Batista o Evang. S. Mateus 14, 1a. diz sómente: “seus discípulos levaram seu corpo e enterraram-no”.

Apareceram-me em Sebastieh o cura dos poucos cristãos de Naplusa; l’abbe Bost, assinante do Univers e que pela conversa pareceu-me ultramontano e antípoda do bom Frère Lievin. Quis acompanhar até essa cidade. Partimos à 1  $\frac{3}{4}$ . Eu dei a volta da Montanha para ver outras colunas tendo contado inteiras e partidas, incluindo as que já falei, 154.

Há umas ruínas de torre e parece que existia um imenso pórtico que ia da entrada da cidade, onde existiriam duas torres uma de cada lado até os edifícios de que fiz menção a princípio. Devia ser uma construção majestosa pela extensão. O caminho até defronte de Naplusa, onde pousamos é pitoresco sobretudo o vale que conduz até este lugar. As oliveiras abundam nele e há bastante verdura como vi campos todos verdes de trigo a arrebentar em muitas paragens da minha jornada de hoje sobretudo. O aspecto da Samária tem me agradado. O caminho foi melhor principalmente na parte construída ou reparada em tempos do ex-Pacha de Naplusa que principiou uma boa estrada daqui até Jerusalém. A vista deste acampamento é apertada.

Jantei às 6. Acabei depois a tradução do canto de Deborah reconhecendo que tenho esquecido bastante o hebraico e vou deitar-me daqui a pouco.

**25 de novembro de 1876** — Montei a cavalo às 6h  $\frac{1}{2}$ . Entrei na cidade que fecha a vista do vale do lado do sul e por baixo de arcos e abóbodas e ruas mais ou menos estreitas fui até a sinagoga encravada nas casas da cidade. É pequena. Fiquei à porta enquanto rezavam dentro homens e meninos todos de roupa branca. No fim de poucos minutos convidaram-me a entrar. A sinagoga menos que modesta recebe a luz de cima por 2 óculos com grade. A meu pedido trouxeram o tora para fora da sinagoga onde estava claro. Examinei bem o manuscrito de pele de gazela já meio rasgado e com as letras bastante apagadas. Pretendem que sua antiguidade é de 1500 anos A.J.C. do tempo de Absua filho de Finéas filho de Eleazar filho de Arão, mas não datará senão de Menassés grande sacrificador do tempo do Gazirim 300 A.J.C. ou mesmo de época posterior ao nascimento de Cristo para melhor ver as letras pedi que o desenrolassem mais,

porém havia umas linhas que embaraçavam e o grande-sacerdote samaritano tendo procurado um canivete, que lhe deu o Henning, não quis todavia cortar as linhas por não infringir o preceito de não fazer nenhum trabalho em sábado. Cortou as linhas o Henning, mas outro judeu bem apessoado e já maduro de idade não hesitou em prometer-me levar a meu acampamento esta noite uma folha da cópia que mostraram-me desse Pentateuco. Há outro que serve para os sacrifícios do Garizim e cuja cobertura de folha de cobre tem gravadas as imagens do templo que houve no Garizim com a mesa, candelabro, trombetas, etc. Este templo foi rival do de Jerusalém. O Pentateuco de que tanto falo é escrito em letras fenícias ou cananeas usadas antes do Cativo da Babilônia, que os judeus adotaram as letras caldeias. Depois vi a porta de pedra original sobretudo por um capitel com um leão e uma espécie de ave infelizmente pintada de diversas que dá entrada para uma mesquita de colunas que também desenterraram e pertenciam à igreja que aí existia do tempo das Cruzadas.

Tornando a *E[ste]*. da cidade subi por muito ruim caminho de pedras a quase todo bastante íngreme até o cimo do Garizim a 2.600 pés acima do mar. Do lado oposto está o Hebal a 2700 pés de elevação. Josué colocou (Josué 8, 30) os observadores da lei para abençoar-los sobre o Garizim e as transgressoras sobre o Hebal para amaldiçoá-los. Como essa cena devia ser grandiosa mesmo nas fraldas dos dois montes como adiante direi! Receei que espessa neblina nem o caminho me deixasse ver, porém dissipou-se quase de todo quando atingi o cume da montanha.

Antes de aí chegar passei ao lado do lugar onde todos os anos se reúnem em tendas os judeus samaritanos, durante 15 dias para sacrificarem carneiros. Veem-se os restos dos fornos onde cozinham. No cimo há ruínas de dois recintos de pedras um de aparência mais antiga que o outro para defesa do tempo que aí existiu talvez, onde se observa uma espécie de eirado de lajeados. Do edifício só examinei com muito interesse por causa da forma os vestígios de uma igreja creio que bizantina. Tracei aproximadamente *[sic]* o plano dessa igreja.

A vista do alto do Garizim é belíssima, porém a névoa não me deixou ver bem o Mediterrâneo. Desci pelo mesmo caminho de onde ao chegar ao acampamento se vê muito bem toda a cidade que é considerável e recreiam a vista plantações de oliveiras, figueiras, nogueiras, legumes e outros vegetais.

Pouco depois das 10h 25' que cheguei ao acampamento almocei e às 11h 25' seguí viagem.

Ao sair do Uadi-Neblous (vale do Neplusa) os dois montes como que formam anfiteatro nas pedras de suas fraldas entre as quais há um grande plantio. Provavelmente Josué com a arca se achava no centro e os judeus de um e de outro lado nas faldas do Garizim e do Hebal poderiam perceber o que Josué ordenava que se fizesse. Do cimo dos montes seria impossível. Parecia-me ouvir o eco das vozes das lecitias nas quebradas das montanhas.

Já no cimo do Garizim quisera ler o discurso de Joathan (Juizes 9) o mais antigo dos apólogos de 1245 an. A.J.C.

Pouco adiante começou a Uadi-Mocknah onde vi o poço da Samaritana, montão de pedras cercando uma cova com pedras dentro, entre as quais há pequena abertura. Uma pedra atirada aí levou alguns segundos a chegar ao fundo regulando pelo som. Frère Lievin disse-me que em 1869 mediu 21m de profundidade com 4 de água, que 10 dias depois já não achou.

Algum tanto distante e para a esquerda vê-se o túmulo chamado de José. Foi na propriedade que Jacob deixou a José no poço de Jacob, que a Samaritana encontrou a Cristo (S. João 4). Antes de aí chegar tinha eu visto a aldeia de Balata (Balua significa em hebraico carvalho) e como junto a um destes escondeu Jacob as imagens que se acharam em poder dos seus talvez fosse esse o lugar.

Aproveitei a parada ao meio-dia  $\frac{1}{4}$  perto do poço da Samaritana para preparar-me para o temporal que nos atacava pela retaguarda. Felizmente não deu a chuva que eu temia. Depois passamos por desfiladeiro quase sempre de muito ruim caminho para o Uadi-Yetma do nome da aldeia onde nascera a mulher do infeliz Sedecias. Outro desfiladeiro conduziu-me ao Uadi-Luban em cuja frente pousamos às 4h Por um Uadi que se abre defronte do acampamento pode-se ir em 5/4 de hora a Silo, onde estive a arca mais de 300 anos e foi educado Samuel no tabernáculo. Os últimos Uadis da jornada também são cultivados. Na passagem entre o de Mocknah e o de Yetma mostrou-me Frère Lievin uns montículos de pedras que os árabes fazem quando do lugar se vê alguma mesquita — chama-se Meschal-Khid. O segundo Uadi pertencia à tribo de Efraim, que pronunciava o sin pelo sehin.

**26 de novembro de 1876** — Acampeei às 4h 25' do lado do *N[orte]* de Jerusalém e vendo por cima das muralhas da idade-média o monte das oliveiras.

Às 4 achava-me no Santo Sepulcro onde orei por minha filha, netos, irmãos, e todas as pessoas que estimo.

A igreja tem externa e internamente um aspecto venerando.

O árabe que se chama Yusef (José) el (o) Schelib (belo) não me trouxe ontem de noite a folha da cópia do Pentateuco Samaritano, nem veio o padre Bost para dizer missa esta madrugada. Antes de dormir traduzi o apólogo de Joathan de hebraico.

Partimos às 5 ½ com fogaréus.

Na passagem do Uadi-Luban para o outro chamado Sin-Gille o caminho foi horrível. A liteira da Imperatriz quase que se esbandalhou, mas felizmente pôde sair dela e adiante tudo se pôs em ordem. Confesso que tive medo.

O Uadi-Sin-Gille é menos largo que o precedente, porém bonito e cultivado. Depois passamos o Uadi-Haramish (dos ladrões) estreito vale ou antes leito de torrente. Saindo dessa garganta descobrem-se montes mais ou menos altos de cada lado com diversas aldeias sendo a de Taibeh interessante, porque provavelmente foi a antiga Efreim aonde retirou-se Cristo depois da ressurreição de Lázaro.

Chegamos a Beitine (Bethel e antes Losa), onde começara a tribo Benjamim e muitos fatos se passaram. Já existia quando Abraão veio da Mesopotâmia. Ai se separou ele de seu sobrinho Loth que foi para Sodoma e teve Jacob a visão da escada misteriosa, quando talvez sestasse, como fazem os viandantes.

Não vi nenhum carvalho que pudesse chamar dos choros por ter sido enterrada debaixo dele Débora ama de Rebeca. Atravessei a aldeia e examinei os restos de uma igreja de uma só abside do tempo das Cruzadas.

Aproveitei a descida de cavalo para preparar-me para a chuva que ameaçava seriam 9h ½. Foi boa prevenção porque caiu alguma chuva até a aldeia de El-Bireh (Berth) onde N. Sra. e S. José voltando de Jerusalém deram pela falta de seu Filho.

Atravessando a povoação vi as ruínas de uma bonita igreja de 3 absides bizantina restaurada pelos Cruzados e de um hospital também deles. Existe perto uma fonte com piscina. Em todas estas fontes vejo sempre bastante mulheres, encontrando hoje uma muito bela e elegantemente enroupada. Parecia aí colocada para algum artista retrata-la.

Almocei e perto de 1 hora já com bom tempo segui viagem.

Os lugares notáveis que notei são El-Gib (Gabson) sobre uma colina longínqua e perto de outra com uma fileira de árvores, onde Josué mandou parar o sol, que a iluminava de segunda vez que a observei e a colina de Tel-el-Sonia (Gabaá) pátria de Saul e onde Respha conservou-se “desde o principio da colheita até que a água do céu caísse” sobre os cadáveres de seus dois filhos e dos cinco de Michel que os Gabaonitas tinham enforcado, afim de impedir que os animais devorassem esses corpos.

Vi em Filadélfia o belo quadro de um pintor francês representando essa cena. Enfim cerca de 3 ½ galguei o monte chamado Skopus e Jerusalém apresentou-se a meus olhos que um pouco se turvaram. Neste lugar Alexandre Magno saltou de seu cavalo ante o aspecto venerando do Grande-Sacerdote Jaddus 332 anos A.J.C.

À esquerda ainda longe sumia-se um pouco na depressão do terreno a cúpula escura do Santo-Sepulcro.

Desci uma ladeira de muitas pedras soltas; passei o vale de Josafá e deixando à direita um longo edifício talvez para peregrinos construído por Melle Morcoff, que à testa de milhares de cristãos foi em socorro de Serbas e, sendo presa ao despirem-se reconheceram que era mulher.

Entrei por uma grande porta, cuja arquitetura agradou-me e por debaixo de abóbedas de pedra e ruas estreitas e sujas apeei-me junto a uma pequena porta, que dá entrada para o pátio que precede a Igreja do Santo Sepulcro, aonde só fui orar. Os arredores de Jerusalém são muito acidentados e pedregosos, mas aproveitam-lhes qualquer terra para cultura.

Pouco mais de meia hora depois de El-Bireh vi eu no horizonte por cima das colinas a cúpula do estabelecimento russo que me fica perto do acampamento. Estava sófrego por cartas, mas apesar de minhas diligências, nenhuma recebi das que mais desejava.

Felizmente tive cartas de Mana Januária e da Condessa que não sei porque se lembra das brigas de quem é tão seu amigo.

Que bela noite de luar! Acabo de traduzir do hebraico o salmo 122 que pode exprimir os sentimentos dos que chegam a Jerusalém. Amanhã tenho de ir por Jericó até o Jordão e Mar Morto, porém já tive a felicidade de beijar o sepulcro de Cristo e 29 estarei de volta a esta cidade. Depois de Skopus vi restos da calçada romana e para a direita de Gabaá e bastante longe, Mamathaim-Sophim pátria de Samuel agora facilmente reconhecida pelo minarete no cimo da montanha.

**27 de novembro de 1876** — Antes de tudo preciso de exprimir a beleza da planície de Jericó ao pôr do sol que dardeja e faz ressaltar as ondulações da faldas da montanhas de Moab que parecem os relevos de ouro de um finíssimo lavor de ourivesaria.

As águas do Mar Morto que descobro à direita e o campo verdejante dos espinheiros chamados dôm (não dùm) com um céu marchetado de nuvens dos mais variados matizes de azul completam o quadro.

Por detrás da minha tenda levantam-se as montanhas áridas mas verdadeiramente pitorescas, por cujos desfiladeiros cheguei até aqui. A mais alta é a que dizem ser a da tentação de Cristo pelo demônio, chamada Djebel-Kerontul (Monte de Quarentena). Tem no cume algumas ruínas de capela e em suas paredes numerosas cavernas em uma das quais vejo um muro com janela e é habitada por frades gregos segundo ouvi a Frère Lievin. Quando olho para as montanhas de Moab não posso deixar de lembrar de Ruth (amiga) e dos bons tempos em que traduzi esse idílio hebraico.

Levantei campo às 6 ½ da manhã. Acompanhei as muralhas de Jerusalém, reparando para a porta de Damasco por onde entrei ontem; dobrei a torre chamada de Godofredo de Bulhões por ter sido aí aberta a brecha que lhe deu ingresso na cidade; vi de longe as portas de Sto. Estevão e Auser e deixei à direita o túmulo ponteagudo de Absalão.

Pouco antes das 7 via inferiormente nesse pequeno terraço o lugar da figueira amaldiçoada [*sic*] por Cristo e onde outra apresentava-me as folhas encarquilhadas.

Às 7 e quase ¼ estava em El-Arosieh (Betânia). Poucos árabes. Atravessei a aldeia para ir ao túmulo de Lázaro aonde cheguei depois de passar quase deitado de barriga para baixo por um buraco que abre para o vestibulo de onde se descem 5 degraus, havendo até esse 27. No vestibulo do lado direito de quem olha para a abertura do túmulo vê-se na parede uma porta murada que foi a antiga entrada tornando-se necessária a atual e a escada de 27 degraus por causa de uma mesquita que aí levantaram. O túmulo é quadrado e tem de lado 9 pés meus. Mostraram-me não muito distante deste lugar o da casa de Marta e Maria e mais longe está o da de Simão e Leproso. Tenho dúvidas sobre a colocação do túmulo de Lázaro por achar-se contra os costumes dos judeus no meio da povoação sempre tida por Betânia. A 5 minutos pelo menos daí fui ver a pedra chamada do colóquio por ter Marta, encontrando aí Cristo vindo de além Jordão, lhe anunciando a morte de Lázaro. A leitura do Evangelho de S. João parece-me indicar um lugar muito próximo da casa de Marta e de Maria. A pedra do colóquio é pequena e surge pouco do solo apresentado de forma abaulada. É um pouco escura em relação às pedras próximas. O ponto importante que se segue é a fonte chamada dos Apóstolos por freqüentarem eles o caminho de Jerusalém a Jericó e ser a única fonte que nele se encontra. Com bastante água e boa, porém aparecem às vezes nela sanguessugas. Talvez seja a fonte do sal (Josué 18,18) nos limites das tribos de Benjamin e de Juda.

Depois de percorrer o Uadi-Sidr (espinho) desce-se uma colina e atravessando um plano ondulado onde Ibrahim-Pachá ganhou uma vitória aos Beduínos cheguei a Khan-el-Abmar. Há aí ruínas de um Khan construído por Ibrahim-Pachá sobre outro que ainda era muito falado no 14º século e sobre a colina que os domina descobrem-se outras de fortaleza considerável. Perto dessa colina onde há grutas e uma destas atrás de nosso acampamento, almoçamos. Depois li bastante e seguimos às 2 com bastante sol e calor depois de começar a jornada com alguma chuva. O caminho passa por uma garganta que, ora domina a torrente só de pedras, ora segue por ela. Desce-se rapidamente pois Jerusalém está 1171 metros acima do Mar Morto. No fundo do precipício à esquerda da estrada da qual me desviei vi as ruínas de uns arcos que ligavam as faldas opostas e do lado fronteiro mais para direita um pequeno convento cavado na rocha onde dizem que S. Joaquin pedira a Deus que interrompesse a esterilidade de Sta. Ana. Desembarquei na vasta planície de Jericó estendendo-se até o Mar Morto, que já descobrira ao longe durante esta jornada, assim como as montanhas de Moab, cujos cimos formam como diz Chateaubriand uma linha reta traçada pela mão levemente trêmula de um artista e antes de atravessar o seco Nahr-el-Kelt que nas águas interrompe o caminho e cujas margens são ornadas de canas de frecha e de doms, fui ver uma espécie de túmulos bastante alto onde se fizeram escavações achando-se ruínas de casas — Só encontrei perto dele um muro que me pareceu tesselado e em diversos pontos da planície pedras cravadas no chão como que de edificios. Sessão da antiga Jericó que existia segundo dizem junto à fonte de Eliseu (Aint-el-Sultan = fonte do Sultão) muito abundante de água onde pousamos às 4h 35'.

Quanto ao Monte da tentação perto da cidade de Jericó quando os Evangelhos dizem que Jesus se retirara para o deserto não posso deixar de hesitar. Ao chegar à fonte de Eliseu vi outras alturas como aquela que chamei túmulos. Já encontrei a maçã de Sodoma (Solarum Sodomeum Lin). Tem espinhos terríveis.

As montanhas da Palestina são calcáreas e hoje observei nelas camadas de sílica apresentando curvaturas muito interessantes.

Talvez por causa da estação não tenho visto cobras nem escorpiões. Estes abundam no verão. Há lobos e raposas, muitos perdizes cailles e becasses.

**28 de novembro de 1876** — Saida às 6. Amanhecia do lado das montanhas de Moab. Meia hora depois passava pela Jericó atual que se distingue somente por uma torre quadrada. Não muito longe está o sicômoro de Zaqueu, porém não vi. Até o Mar Morto encontrei montículos muito curiosos formados no rochedo calcáreo pelas águas e os ventos. Um parecia ter no cimo uma coroa imperial. Antes do Mar Morto há uma planície que deve alargar-se. Cheguei à praia às 8h  $\frac{1}{4}$ . O mar perde-se de vista rodeado de grandes montanhas. Do lado O. numa ponta que entra no lago estava Gomorra (Kherbet-Gumran ou el-Youûd); uma légua para dentro achava-se Segol (Balo) (Ioêva); Sodoma (Esdom) no fundo para o lado do sul e Seboim (Kherbet-Sebaân) a 5 léguas da extremidade sul na margem oriental. Não se sabe qual o lugar de Adomah Também deste lado mostrou-me Fr. Lievin a direção do Monte Nebo (Bjebel-Nebû). Defronte da praia e a pouca distância vi uma ilha de pedras chamada Redjom-Luth Perto dela está metida no fundo a barca que serviu ao duque de Luynes para suas explorações; era movido a mão por meio de rodas e feito em França. Quando cheguei passava um bando de 15 marrecas. Apanharam-se 2 peixes mortos que terão sido arrastados pelo Jordão. A água é amargosa picante e oleosa ao tato. O vento parece agitá-la dificilmente. Há tempestades grandes nesse mar. A proporção dos sais é de mais de 26%. Abunda o cloreto de magnesium. O aspecto não é tão árido como pensava; é verdade que estou mais que habituado à aridez. Achei bastantes ramos na praia. Segui às 9  $\frac{1}{4}$ . Ainda observei montículos com formas de guarita, fortaleza e outras e às 10h cheguei ao vau do Jordão que já tinha visto na planície. A barranca deste lado, o direito é alta; mas ainda mais do oposto havendo aí uma ponta de terra baixa. Neste lugar há às margens do rio árvores e bastantes arbustos, tamariscos a maior parte destes. A correnteza é grande, sendo a largura e do Inhomirim nos lugares estreitos. Não tomei banho por conselho de Frère Lievin, porém lavei as mãos e colhi pedras e ramos. Almocei depois e vi passar peregrinos russos, que tinham-se banhado no rio. Pareciam camponeses. Ao retirarem-se viraram-se para o rio e benzeram-se diversas vezes à russa. Fiz 3 croquis do Mar Morto e deste lugar, onde dizem que o Batista batisou Cristo e Josué passou a pé enxuto com a arca. Para depois caírem as muralhas de Jericó ao som das trombetas.

Na planície de Jericó apanhei frutos secos de oskar ou Kharrub-el-usui (Kharrub do chagal) cujo âmago esponjoso serve de isca e outros (Zek-kum) de que se extrai um bálsamo bom para feridas. Não achei o *anhath* com seus frutos vermelhos cujo gosto dizem ser delicioso. Da maçã de Sodoma já falei.

A maior profundidade do Mar Morto é de 400m e seu nível está 400m abaixo do do Mediterrâneo. Pode-se considerar como o fundo do vale, que se estende desde o Monte Hermon até o golfo de Akabah com a extensão de 85 km.

Desde Jerusalém somos acompanhados por 6 beduínos da povoação de Arbusieh entre Jerusalém e o Mar Morto, dos quais 2 são filhos do Cheik Mohamed que está doente. Respondem pela segurança dos passageiros e do que lhes pertence na digressão do Mar Morto. O Cheik é uma espécie de senhor feudal desse território. Paga-se-lhes alguma cousa e já ou.. *[sic]* que o governo turco tolera-lhe isso a troco de dinheiro, como que lhe aluga o direito que se arrojam. Depois de Jerusalém tenho visto menos beduínos, também estão em muitas partes fugitivos por causa do recrutamento, achando-se a moderna Jericó (Riegha) quase deserta e seu aspecto é muitas vezes repugnante. Todo o sabão que se fabrica em grande na cidade de Naplusa tendo os resíduos formado pequenas colinas fora da cidade seria bastante para a barreira.

4h  $\frac{1}{4}$ . Depois do almoço e de ter escrito e conversado com Frère Lievin fui ver passar no vau do Jordão pouco acima do lugar do almoço. Os homens passaram-nos, eu arregaçando a camisa para não molhá-la tendo a carga à cabeça. Duas mulheres não duvidaram molhar as saias. A tarde tem estado belíssima e vim admirando os efeitos de luz nas montanhas sobretudo da Judéia que ontem ficavam-se pelas costas.

Perto do Jordão tornei a ver sobre uma das pequenas colinas restos de um convento de que fala Procópio secretário do Imperador Justiniano. Seguimos caminho direito e ficaram-me mais longe para a esquerda as ruínas de uma fortaleza da idade-média. Atravessei a aldeia de Jericó onde vi bastante gente encontrando os peregrinos russos, que soltaram muitos *hurrahs* ao verem-me. Passei entre plantações de vinhas e figueiras. Antes de Jericó tomei um pouco para a direita e fui ver o lugar Tell-Gehldjul (Ghalgal ou Galgala de Josué — 4,19) primeiro lugar da terra da promessa onde esteve a arca durante 6 anos de ser transferida para Silo. A Bíblia denomina esse sítio do Monte dos prepúcios por aí se circundarem *[sic]* os judeus pela primeira vez depois da saída do Egito. Aí achou-se uma pedra coberta de cruces que Fr. Lievin levou para o convento de S. Salvador em Jerusalém. Apanhei alguns tubos dos mosaicos da igreja que existiu nesse lugar. Ao chegar ao acampamento da fonte de Eliseu cuja água límpida murmurante encanta vi de novo as ruínas em que já ontem



reparara chamadas Kherbet-Taúahin-essukkar (ruínas do moinho de açúcar). Os cruzados encontraram aí a cultura da cana de açúcar.

Na planície próxima ao Mar Morto observei esta manhã eflorescência de sal e o Mar Morto, desde que por lá andei pareceu-me que recuava, pois descia diversos planos sobrepostos apresentando-se assim a meus olhos sempre maior porção de lago. Antes de apear-me neste acampamento ainda fui ver uma excavação feita num dos montículos, que ficam por detrás das barracas, um resto de muralha, que parece muito antiga e pode-se imaginar ter sido casa de Rahab e a única não arrasada pelos israelitas comandados por Josué por ter escondido os espiões enviados por êle. Não tenho visto a chamada rosa de Jericó; a *anastática hierocuntica* de Lin, da família das crucíferas de 5 a 10 cm. de alto. Abre-se depois de estar de 5 a 6 horas na água. Outra que na idade média reputaram rosa de Jericó e que M. de Saulcy encontrou é semelhante a uma grande *pâquerette* e a família das *radiadas*. Nenhuma pode ser a de que diz o Eccl. 24,18 — “Levantei-me como a palmeira de Cades ou a roseira de Jericó” — Quando me apeei no acampamento achei um chacal que tinham morto com uma pedrada. Antes do jantar li diários franceses e acabado aquele conversei Vou ler ainda e dormir, que tenho de partir às 5 ½ da madrugada. Está uma bela noite de luar. Os chacais já uivaram, o que sucedido quase todas as noites.

**29 de novembro de 1876** — Sai às 5 ½. A Imp. como não podem ir as liteiras a S. Sabbas e mesmo não entram Sras. no convento segue o caminho de antes de ontem partindo mais tarde. Tomei a direção das montanhas da margem O. do Mar Morto que depois de nascer o sol pareceu-me duas vezes, onde este batia por entre algumas nuvens chumbo derretido. Antes de chegar a Nebi-Mussa lugar do túmulo de Moisés para os Muçulmanos passei por uma quebrada onde as pedras eram na superfície brancas como as calcáreas de que se compõem estas montanhas e por dentro pretas com cheiro de betuminoso. Parece-me que se tornam brancas ao contato do ar. Também havia sobre o solo inumeráveis caramujos de uma espécie que dizem própria da localidade. Precederam a Mesquita de muito longe, como se lhe seguiram numerosos montículos de pedras (os meschakids), mesmo onde minha vista não descobria mais a mesquita. Acha-se esta sobre uma elevação. Nada tem de notável senão o ser uma das 3 mais veneradas; as outras duas são as da Meca e de Medina. Todos os anos partem peregrinos de Jerusalém por nossa Sexta-Feira Santa, com grande aparato até oficial. O oficial que comandava o piquete e talvez quisesse aproveitar a minha demora aí para também visitar a mesquita com os seus soldados arranjou tudo para que eu aí entrasse embora o chefe dos beduínos que me acompanham ficasse escandalizado dizendo que receiava que o castigo do céu caísse sobre êle, mas acomodou-se ao declarar o oficial que ele próprio tomaria sobre si todo o castigo. Os soldados fizeram suas abluções e prostraram-se ante a tumba coberta de doce e manto verdes sendo este bordado de ouro e colocado sobre outros 8 cobertas de diversas cores. Segui pouco depois das 8 tendo aí chegado às 7 ½. O caminho daí até perto de S. Sabbas é terrível, atravessando-se gargantas horrivelmente pitorescas, descendo-se quase que por uma parede de pedra e trilos distantes quase só a largura do cavalo de medonhos precipícios. O cavalo de Fr. Lievin escorregou e quase foi parar no fundo de um abismo. Ao chegar ao convento caminha-se ao longo do Cedron, cujas ribanceiras de pedra em camadas mais ou menos contorcidas tem centenas de pés de altura. Agora não havia pingo d'água, mas depois de alguns dias de chuva enche 50 metros. Os edificios do convento estão agarrados à ribanceira direita do rio que se lança do Mar Morto. Depois de almoçar descí longa ladeira calçada em degraus e outros de pedra e corro todo o convento. Receberam-me com repiques desde que me avistaram e à entrada com duas tochas acesas. Os frades que são 60 estavam me esperando. O que mais me agradou no convento cuja regra é a de S. Basilio — são gregos cismáticos — foi como os melros que se abrigam nos buracos da ribanceira oposta vêm comer na mão dos frades. Visitei a gruta de S. Sabbas com a capela do Santo e a cavidade onde o leão vivia com êle, a sepultura dele cujos ossos se acham em Veneza é a do ilustrado S. João Damasceno com sua capela, onde se vê através de uma grade a bôca da gruta onde o Santo vivia. Num pequeno quarto havia manuscritos dos Evangelhos e dos sermões de S. Gregório Nazianzeno, mas o mais antigo dos Evangelhos, do século 10º está na biblioteca do Convento de S. Salvador em Jerusalém. Custou a obter do frade que falava francês que deixasse o Henning examinar a outra coleção de livros de uma torre onde ele achou alguns manuscritos apesar do frade asseverar que só existiam impressos. Tal repugnância poder-se-á explicar pela vergonha que eletenham de não haverem aproveitado por ignorância as riquezas literárias que possuem. Referem que essa torre fôra construída pela Imperatriz quando procurara Sto. Eutímio mestre de S. Sabbas. Aquelesanto não queria falar a uma mulher principalmente sendo eivada do eutiquianismo. Fiquei, mas outro frade o persuadindo da necessidade de converter Eudóxia volta o consente em falar à Imperatriz nessa torre fora dos muros do convento. A outra

está mais arredada e vi tirar água dela, cousa que falta às vezes de todo durante muito tempo, só a havendo de cisterna nesse lugar. A que bebi era muito boa. O convento é, por assim dizer, um *meschakid* de edificios aproveitando as anfratuosidades e grutas do rochedo. Até fizeram casinholas de madeira iminentes ao precipício e em pequenos ressaltos do rochedo, que cobriam de terra trazida em sacos, plantaram nela algumas flôres e arbustos. Num canto mais abençoado levanta-se uma palmeira bastante alta, mas que se curva para trás como que precisando do encôsto na parede. Os frades deram-me doce para a água e café e à 1 ¼ parti. O caminho daí por diante não é tão pitoresco. Às 3 ¼ já via Jerusalém, subia sempre mais ou menos atravessando diversas vezes o Cedron ou seguindo para dentro de Jerusalém. Deixei à direita o vale de Siloeh com a aldeia deste nome na encosta da montanha e costeando à esquerda aquela sobre a qual se veem os restos de um edificio que se acha no campo de Haceldama e uma escada de um túmulo onde disse-me Fr. Lievin existir uma inscrição grega aproximei-me dos muros de Jerusalém onde está a torre de Mariana com seu tope de forma de tiara e a porta de Jafa defronte da qual acampam peregrinos creio que ingleses pelo *How do you do Sir* que me dirigiu um deles ao avistar-me e entrando a porta de Damasco, hospedei-me na casa austríaca de bela aparência com capela, mas onde, para chegar da rua a meu quarto preciso subir 82 degraus.

Achei cartas do Rio e de amigos meus. Que pena me causou a notícia da morte de José Sequeira, amigo de mais de 30 anos! Sirva minha oração pelos amigos de lhes dar a felicidade que lhes desejo. Hei de repeti-la amanhã no Santo-Sepulcro.

Antes que me esqueça de todo falarei do costume que há de reservarem em todas estas povoações, mesmo aldeias, uma casa que chamam Medafê para abrigo dos viajantes. Senti que o tempo não me permitisse completar a minha digressão na Palestina subindo o Nebo de onde os judeus viram pela primeira vez a Terra da Promissão e asseverou-me Fr. Lievin que se descobre Jerusalém.

**30 de novembro de 1876** — Sai às 7 pela porta de Damasco e corri as muralhas que foram aumentadas por ter crescido a cidade no tempo de Herodes Agripa para afastar a povoação de um morro fronteiro cortou um largo caminho no rochedo. Notei a entrada de um subterrâneo por baixo da cidade que se estende até 800m dizem alguns e uma ponta de rochedo para o lado das muralhas, que parece cabeça de ponte sobre o caminho de que falei. Passei pela torre de Godofredo de Bulhões defronte da qual a depressão creio que do fosso ainda é profunda — fica a N. E. — e notei todas as portas, duvidando pelos ornatos de que a Áurea seja do tempo de Herodes o Grande, atribuindo-a antes a Justiniano apesar dos argumentos em contrário de Fr. Lievin e entrando pela estercoraria (?) que me levou a um lugar cheio de cardos. A chegar ao ângulo das muralhas que se segue à porta Áurea fez-me Fr. Lievin observar grandes pedras — algumas de 7 metros de comprido — muito bem faceadas e com alguns vão tapados por pedras menores, que ele julga do tempo de Salomão e parte das muralhas da cidade que formava um lado do palácio dos Reis que, segundo a Bíblia, devia estar perto do templo, que ladeáramos antes ocupando o lugar onde se acha a Mesquita de Omar. Depois acompanhamos as muralhas que continuam a cercar o monte Moriah e cercam em parte o Monte Siob que sai para o lado onde se vê sobre essa ponta o lugar do Cenáculo. À esquerda tinha-me ficado o vale de Josafá entre a colina de Onhel e a montanha das oliveiras e o chamado dos Queijeiros (Tyropocion) entre aquela e o Moriah Passei pela torre quadrada de Davi junto à qual está a porta deste nome ou de Sion e entrei pela de Jaffa ao lado do Ocidente atravessando a cidade até o meu hospício. Almocei pouco depois das 9, li diários franceses até 15 do corrente e às 10 ½ fomos à Igreja de Sto. Sepulcro.

Ouvi missa, por alma de meu amigo de mais de 30 anos José de Sequeira na capela do Calvário e depois corri todos os Passos da Via Dolorosa. O Pretório estava onde hoje se acha um quartel. Que violências não continuam a praticar os exércitos! Dei uma pequena volta para ver o lugar da escada cujos sinais se notam no muro. Passei por baixo do arco do Ecce Homo que se liga ao edificio elegante do orphelinat do padre Ratisbonne e cheguei ao terço passo da 1ª queda de Cristo indicado por duas colunas deitadas no chão — gastando cerca de 7 minutos desde o Pretório.

Encontro da Virgem no cruzamento de 2 ruas perto de um arco. Auxílio do Cireneu. Indicado por uma pedra no muro à esquerda. Verônica — Indicado por um pedaço de coluna encravado na calçada. Apontam para o lado esquerdo como devendo aí estar a casa de onde saiu a mulher que enxugou o rosto de Cristo. **2ª queda**. Indicada pela porta Judiciária por onde dizem sair Jesus da cidade. Mediana outros 7 minutos desde a 1ª. *Filhas de Jerusalém não choras etc.* (S. João 19, 27). Indicada por um buraco numa pedra do muro à esquerda do convento de S. Corolambos (?). Perto de uma porta pequena dando para o átrio da Igreja de Sto. Sepulcro. Cerca de 9 minutos da 2ª. As outras 5 são na Igreja do Sto. Sepulcro, para qual subi 18 degraus na rua tendo descido um e também a inclinação da rua. Entrando na Igreja do S.

Sepulcro ainda subi 18 degraus até a capela do Calvário. Defronte do altar à direita Cristo foi despido! mais para o lado do altar pregado na Cruz; sob o altar da esquerda fincou-se a cruz onde se vê um orifício circular numa chapa de mármore; defronte do altar do meio foi descido da Cruz e no centro sob a grande cúpula da Igreja foi deposto. À entrada da Igreja há uma pedra de cor rosada onde Cristo foi ungido antes de ser sepultado. Defronte do altar do meio na capela do Calvário mostra-se uma fenda no rochedo, que se faz notar ter-se aberto em sentido perpendicular às camadas da rocha por efeito do terremoto. Há muitas capelas em torno da do Sto. Sepulcro, que pertence aos gregos cismáticos, cujo belo coro com a sede do Patriarca deles está fronteiro à porta daquela capela, para a qual se entra por uma porta estreita e baixa que dá para um pequeno vestibulo onde está sobre um pedestal perto da pedra que o anjo removeu da bôca do sepulcro, onde se entra por uma porta de ainda menores dimensões que a primeira e que se vê muito bem tem sido aberta na rocha. O sepulcro que é muito simples de pedra lisa amarelada creio que pelo templo, está encostado à face esquerda do rochedo para quem entra. Desci por 27 degraus à capela de Sta. Helena para que se entrava outrora por uma porta externa e vi o lugar onde ela orava, quando se procurava a cruz na cisterna onde desci também por degraus de pedra e existe um altar. Não enumero as capelas que rodeam o Sto. Sepulcro porque constam de qualquer guia e nada achei nelas de notável. Só na capela do Calvário é que vi uma deposição do pintor Huymans de Antuérpia e outro quadro, creio que cópia das cabeças da Virgem e de Cristo em seus braços da pintura de Ary Scheffer, que pareceram-me bons trabalhos artísticos.

Depois fui ver os lugares das casas de Annah, sogro de Caifás onde se mostra aquele em que Cristo foi esbofetado; de Caifás com um pátio onde S. Pedro renegou Cristo — apanhei folhas aí — a grande igreja dos armênios não unidos onde vi o túmulo de S. Tiago Maior estando a cabeça do Santo no altar-mor e seu corpo na Galiza e perto dela um museu que nada tem de importante e em cuja sala vi os estudantes de um colégio que elas fundaram e cujo mestre de francês, segundo este declarou que o é, mal arranja algumas frases dessa língua; outra menor da mesma religião e ambas por causa dos dois referidos lugares onde há capelas mostrando-as no segundo a prisão de Cristo antes de levado ao Pretório. O cenáculo, de que existe só o lugar, tendo já existido aí uma igreja bisantina ocupada depois pelos franciscanos, de que restam a abóboda e colunas, de que algumas tem capiteis com a figura de um pássaro bicado no peito por outros dois laterais — um pelicano certamente — havendo à direita uma escada que sobe por uma espécie de casa de oração com um túmulo de aspecto muçulmano que chamam de David; passei perto de um terreno no qual é tradição que morreu a Virgem em casa de S. João e entrando pela ponte de Sion recolhi-me ao meu hospício. Depois do jantar li e falei com o Padre Ratisbonne cuja fisionomia é bem judaica e pareceu-me afetado em seus modos e vaidoso de sua longa barba bastante grisalha dos trabalhos por que tem passado disse-me eleacariciando-a com a mão e com o superior dos Franciscanos, Fr. Gaudenzio da Matellica, bom arabizante que ficou de enviar-me sua gramática árabe em italiano. Também me procurou o Patriarca à hora do jantar. Não tem ares do cargo e fala adocicadamente. Finalmente tenho lido e preciso de descanso.

**1 de dezembro de 1876** — Às 7 saí e em 10 minutos estava no adro da Igreja do Sto. Sepulcro. Do lado fronteiro à igreja onde existia a porta que dava para o hospício dos cavaleiros de S. João há socos de colunas que indicam um pórtico de arcos repousando sobre as colunas. Sôbre as portas da Igreja há baixos-relevos repousando cenas da vida de Cristo próximas à Paixão e as virtudes perseguidas pelos vícios sob a forma de monstros. O alto da pedra que cobre a capela do Calvário dista do chão da igreja 4m 5. Meti a mão e o braço pelo orifício que indica o lugar da Cruz e no sentido do altar não encontrei o rochedo e só do lado direito, havendo no fundo uma pedra de mármore assim como do lado esquerdo. O orifício circular existe só no mármore que sob o alto cobre esse vão do rochedo. Procurei rodeá-lo o mais possível e para o lado de detrás depois de subir bastantes de degraus que me colocaram cerca do nível do orifício circular achei um poço que pela corda da caçamba calculei pouco mais ou menos que descia abaixo do chão da Igreja do St. Sepulcro. Este distará 30 metros do Calvário e está muito mais perto do lugar que já visitara ontem dos sepulcros cavados no rochedo, que chamam de José de Arimatéia, custa a despir estes lugares das vestes de pedra e cal que sobre eles se tem lançado desde Sta. Helena mas pelo que pude reconhecer devia ela ter cortado muita pedra para nivelar tão grande espaço. Na volta para casa mostrou Fr. Lievin a muralha de grandes pedras que elecrê ser uma das torres do 2º recinto aquém do Sto. Sepulcro. Deveria elecompreender uma cidade muito menor que a do tempo de Herodes o Grande que construiu a muralha mais externa, ou 3º recinto. Às 11 fomos ver a Igreja da Flagelação. Um fragmento da coluna existe numa das capelas da Igreja do St. Sepulcro, depois seguimos para o túmulo da Virgem ao sopé do Monte das Oliveiras. Desce-se à capela por uma larga escada de 48 degraus e à direita está num vão estreito para o qual se entra por uma abertura estreita e baixa o túmulo muito simples. Sta. Helena fez cavar o rochedo em torno do vão do sepulcro, de modo que ficou um pequeno

rochedo dentro de um grande igualou tudo artificialmente e cobriu as abóbodas de pedra. O Santuário é muito escuro apesar das lâmpadas e infunde profundo sentimento de veneração. Na altura do 24º degrau há do lado direito um vão com os túmulos de Sta. Ana e de S. Joaquim, e do esquerdo outro com o túmulo de S. José que dizem enterrado em Nazaré onde não há aliás vestígios disso. Depois entrei na grande gruta da Agonia no hórto de Getsemani onde há uma capela; vi depois as oliveiras — são 8 — mais antigas, que cercaram de um jardim com grade de ferro feita à custa de uma senhora russa e uma cisterna no centro, construída em 1873 a expensas de Adelino Wehlan dos Estados Unidos. Continuando por um caminho extra muros de pedra sêca para a direita de quem sobe do hórto esbarra-se num canto onde dizem fôra o beijo de Judas, e S. Pedro cortara a orelha de Malchus. Mais para cima e esquerda veem-se umas pedras onde dormiam os Apóstolos. No alto do Monte há um muro com colunas encravadas, de que alguns tem capiteis com grifos, em cujo centro existe uma pequena mesquita redonda onde se mostra o cabeço de uma pedra de onde Cristo subira ao Céu. Há nela como o sinal de um pé que dizem ser pegada de Cristo. Os muçulmanos veneram muito esse lugar e creem que Cristo prevendo sua morte trocara sua aparência com a de Judas que fôra o crucificado. Subi ao minarete de onde a vista é bellissima e faz-se bem idéia do plano de Jerusalém da direção do 2º recinto segundo Fr. Lievin. A cidade não teria assim no tempo de Cristo quase todo o que vai de N.N.E. até S.S.O. Acho demais e Flávio José fala de 600 mil habitantes. Visitei depois o Pater da Princesa de Latour d'Auvergne. É uma espécie de claustro no estilo do Campo Santo de Pisa em cujas paredes lê-se o Pater em 32 línguas e vê-se num para assim dizer capela reintrante o túmulo onde ela há de ser enterrada com sua estátua deitada de mão cruzadas sobre o peito meias sem sapatos e coroas aos pés. Tem ar risonho e é obra de mármore muito bem feita. Dizem que não gostou do jeito que lhe deram à ponta do nariz. Não é bonita. Sôbre a parede do fundo está escrito em italiano à direita e à esquerda em francês o que Botta diz no livro 17 de sua História da Itália sobre o Conde Bossi pai da Princesa, que se chama Aurélia Bossi. Fui à capela onde vi pinturas a óleo mediocres — sendo a Virgem a menos má — feitas pela Princesa que também é música e toca o órgão da capela quando está aqui. Acha-se em Paris há 18 anos e duas freiras de Sta. Tereza, que vieram falar-me a uma grade cheia de puas de ferro, que furaram-me quase os olhos, porque eu queria ver, disseram-me que a Princesa tendo dado tudo à freiras ficara só com uma casinha de vivenda muito incômoda. Supus que fosse desculpa piedosa. Ainda descí a uma cisterna onde se diz que os Apóstolos fizeram o Credo e que a princesa descobrira e arranjara colocando aí um altar. Por isso na porta principal da entrada para o estabelecimento lê-se do lado direito de quem entra *Pater* e do esquerdo *Credo*. Jesus Cristo ensinou segunda vez o Pater no monte das oliveiras. Daí fomos a casa do arquiandrita onde mora M<sup>elle</sup> Solkoff de Moscou para ver um belo mosaico que se encontrou no chão onde está a sala. Representa animais e contém uma inscrição em armênio. Também muitos túmulos numa gruta perto da casa parecem armênios por uma inscrição. Não conheço a sua língua, mas também não entender por truncada uma inscrição grega na gruta artificial do túmulo da Virgem e nem mesmo ler outra na subida do Monte das Oliveiras. Não muito longe daquela vi uma pedra onde dizem a virgem aparecera a Sto. Tomás depois de sua Assunção, quando ele procurava no seu túmulo e lhe dera seu manto. Da casa do arquiandrita, tendo entrado antes no túmulo de Sta. Pelágia, para que se descem alguns degraus estando a gruta cheia assim como o túmulo de palavras em hebraico, fui ver o túmulo dos profetas. Entrei quase deitado de costas para saber por onde passava uma gruta alta e com diversos corredores cavados na rocha e contei 32 aberturas de sepulcros. Um esbroamento *[sic]* de terra talvez ocultasse outras. Saí de gatinhas, mas felizmente só não me pude resguardar de ramos espinhosos sobre o chão à entrada da gruta. Tomando em direção à porta estercorária fui por ela e o interior da cidade até a muralha da cidade que forma parte da Mesquita de Omar, sobre o Monte Moriah e no lugar do antigo templo. Estava a rua cheia de judeus que rezavam voltados para a muralha. Alguns, sobretudo mulheres soluçavam realmente e vi judeus respeitáveis por sua aparência agitar o corpo, dando mesmo saltinhos, o que segundo me disse Fr. Lievin simboliza os movimentos sobre os burros e camelos dos ismaelitas quando iam do Egito para a Terra da Promissão. Custou-me a suster o riso, apesar de compungir-me o arrependimento dos judeus que creem ver-se privados de seu antigo templo por causa de seus pecados. Antes de chegar a esse lugar vi pela primeira os sinais das duas cabeças da ponte que ligava os Montes Moriah e Sion. Numa delas Tito à frente de seus soldados intimou os judeus que ocupavam ainda o Monte Sion que se rendessem e na outra Herodes Agripa procurou acalmar os judeus revoltados contra os romanos. A ponte tinha bastantes arcos de que Fr. Lievin disse-me achara vestígios. Trouxe lembrança dos lugares mais importantes. No convento de Sta. Tereza do Monte das Oliveiras deram-me a fotografia da Princesa de Latour d'Auvergne.

**2 de dezembro de 1876** — 9h Confessei-me entre 6 e 7 na Igreja do Sto. Sepulcro e depois comunguei perto deste sobre o qual se disse a missa. Peço perdão de todas as ofensas feitas sobretudo as pessoas que mais estimo. Já dei meu passeio com Fr. Lievin e vou almoçar.

Depois da missa vi as ruínas do antigo hospício de S. João com suas abóbedas, cisternas muito profundas e vastas e abside de uma igreja. A porta que deita para a rua tem na frente do arco os sinais do zodíaco. Levei algum a tudo examinar. Esse terreno pertence ao Imperador da Alemanha tendo sido dado pela Turquia na ocasião da visita do Príncipe Imperial da Alemanha, mas o Imperador pagou 20.000 fr. A capela tem vidros de cor com as datas creio que de 7 de janeiro de 1859 e 14 de julho de 1861. O conservador é um alemão Adolph Mepagen que já me conhecia de quando formou parte do contingente de soldados alemães contratados por Sebastião do Rego Barros por ocasião da guerra contra Rosas em 1851. Às 11 fui a Belém onde cheguei à 1h De caminho à esquerda vi uma colina chamada do *Mau-Conselho* por ter aí Caifas sua casa de campo onde se resolveu a morte de Cristo. Segui o vale dos Raphaim (Gigantes) onde David bateu por diversas vezes os filisteus, vendo ao longe à distância sobre uma colina um aldeia onde David quando menino foi levar comida aos irmãos que pelejam contra os filisteus e que pouco dista do lugar onde ele matou Golias. Também vi desse lado o lugar onde dizem estava a casa de Simeão. Passei pelo túmulo de Raquel que está dentro de uma mesquita que se achava fechada e por perto do convento de Sto. Elias que é um grande edifício. As vizinhanças de Belém não são muito plantadas de oliveiras, de que muitas foram doadas ao convento dos franciscanos para óleo das lâmpadas do santuário da Natividade. Há nesse convento uma basílica de duas fileiras de belas colunas cada uma de 10, onde me disse Fr. Lievin que havia às vezes mercado e para fundo está a igreja grega cismática de onde se entrou por uma escada de pedra na gruta da Natividade onde vi um com a designação sobre o solo do lugar da Natividade e perto outra capelinha com dois altares fronteiros o da direita do Presepe e o da esquerda da adoração dos Magos. Seguem-se a esta gruta a sepultura de Eusébio de Cremona discípulo de S. Jerônimo a gruta onde se acham fronteiros os sepulcros de Sta. Paula do lado da gruta da Natividade e de S. Jerônimo e para a direita e para diante aquela onde o Santo estudava. Quebrei com um martelo uma ponta de pedra da parte superior da gruta dos túmulos dos dois amigos e guardo os fragmentos da rocha. Antes do convento fui à cisterna de David, cuja água ele apetece quando acampado com seu exército junto à gruta de Odollano. Há ao pé outras duas (Biar-Daūd - poços de Davi) onde dizem que existia a casa o pai de David. Do convento fui à Gruta do leite onde é tradição que a Virgem se refugiara sabendo da perseguição dos Inocentes deixando cair aí gotas de leite amamentando seu filho; o lugar chamado Casa de José onde só se vê a abside de uma muito pequena capela e dizem pertencera ao esposo da Virgem a ele habitara antes do seu casamento, alugando-a depois, o que o obrigou a ir pousar no Presepe — que terrível caminho até aí! — e atravessando o campo de Booz, onde colhi umas florezinhas em memória de Ruth da terra de Moab, cujas montanhas descobria no horizonte, havendo visto um cantinho do Mar Morto durante o caminho passei por perto de Bait-Sahûr (Casa dos Pastores) e cheguei à Gruta dos Pastores, a que descí por uma escada até a capela no interior dela e onde dizem que o anjo anunciara o nascimento de Cristo. Dista 20m. de Belém. Esquecia-me dizer que no interior da gruta da Natividade há muito mármore e telas, sendo uma com passos da vida de Cristo pintados e incombustível (?), segundo me disse Fr. Lievin dada pelo governo francês. Pouco depois de ter saído Jerusalém vi a piscina superior que é muito vasta e perto da qual Isaias disse que: *O Filho da Virgem?* Gastei na volta 1 ½. A tarde estava muito agradável. Chegando ao hospício jantei a visita do Cônsul francês Patremônio, que muito me agradou — é corso — e tendo sabido da chegada de Mme. de Vaux por uma carta desta fui à Casa Nova hospício dos franciscanos. É senhora muito inteligente e agradável. Falamos muito do General Morno e dos negócios do oriente sobretudo em relação à educação do povo. Estou bastante cansado e vou dormir.

Tive diversos telegramas de parabéns.

**3 de dezembro de 1876** — Das 7 às 9 vi a gruta de Jeremias perto da porta de Damasco fora da cidade. É muito vasta e descem-se degraus até ela e depois continuando na direção do Norte fui até os chamados sepulcros dos Reis. Entra-se por uma abertura numa parede de rocha num recinto retangular. Voltando à esquerda dá-se com o rochedo tendo na frente uma cornija de baixos-relevos sobretudo de cachos de uvas. Por baixo dessa saliência superior está a entrada para os sepulcros, vendo-se antes dela a borda de uma espécie de poço agora entulhado e à esquerda uma corredeira por onde escorregou a pedra de fechamento, de ambos os lados há na rocha chafraduras onde descansavam lajes que nivelavam o terreno da entrada que ficava assim de todo tapada. No interior há dois andares não em toda a extensão com câmaras, onde ao rez do chão se abrem os sepulcros, ou há, como vi em duas, ressaltos feitos na rocha e numa dois destes

sobrepostos, todos de comprimento de um corpo regular. A maior parte dos sepulcros tem regos de seção retangular cavados no chão e no fundo uma pequena câmara. Custa muito a ver tudo por causa das passagens muito baixas e estreitas. No andar inferior achou Mr. de Saulcy um sarcófago com inscrição e já antes parece que o haviam achado pois estava oculto com elepor uma continuação artificial do rochedo um diário inglês. O sarcófago pelas dimensões da entrada da câmara só aí podia ter sido lavrado. Os turcos já estão tirando pedra da parede de rocha à entrada do recinto, que precede a abertura de entrada para os sepulcros. Das 11 até 5 ½. Visitei o Convento do Salvador pertencente aos franciscanos. Ensinam a 140 meninos. Estive outra vez na Casa Nova para subir ao terreno de onde se goza bela vista. Depois fui visitar o patriarca que tem muito boa casa com uma igreja de risco que me agradou, assim dissesse o mesmo dos ornatos; sobretudo de tantos sonatos pintados no teto. Na casa há o seminário onde se ensina desde as primeiras letras a uns 60 meninos e rapazes. Não gostei da expressão atoleimada de grande número deles. Seguiu-se o estabelecimento das Irmãs de S. José com cento e tantas alunas e enfermarias de ambos os sexos. Tem farmácia e sala de banco para todos que lá vão, assim como o Convento do Salvador.

Visitei o estabelecimento russo para abrigo somente de mais de 1000 peregrinos com bom hospital, tendo visto no edifício destinado para os eclesiásticos uma espécie de museu onde há uma bela cabeça de mármore com um diadema em que se vê, sobre a testa a imagem de uma água. Foi achada perto dos sepulcros dos Reis. Há um busto da ilha de Chipre com inscrições dignas de exame. O arquiandrita gosta de astronomia e há uma espécie de observatório que não vi pelo que me disse o Cônsul russo.

O que há de mais notável no terreno desse estabelecimento é uma imensa coluna que ainda não se acha destacada do rochedo onde a lavraram. Pode-se supor ter sido começada para o templo de Salomão. Fui ao colégio alemão com bastantes meninas e bem arranjado como o de Beirute administrado também pelas diaconisas. A inscrição no frontespício da casa muito bem situada, como o estabelecimento russo e elegantemente construída muito me agradou, diz: *Talita-Kumi* — rapariga levanta-te — palavras de Cristo quando ressuscitou a filha de Jairo. Achei neste colégio uma ex-discípula do de Beirute que falava bem francês e parecia muito inteligente. Enfim fomos às Dames-de-Sion do Padre Ratisbonne. A casa é muito bem situada, aproveitando todo o espaço possível. Educam-se aí em S. João das Montanhas 140 meninas e meninos e tem hospital e farmácia como as de que já falei. A capela aproveitando em suas paredes os restos do arco do *Ecco Homo* e de muralhas antigas, assim como fazendo o frontal do altar de lajes de *lithostratos* de que falam as Paixões dos Evangelistas é de muito gosto. Tem uma belíssima estátua de Cristo no *Ecco Homo* e um quadro creio que também do *Ecco Homo* de bastante mérito feito por um artista belga. Cantaram acompanhados de harmonium com verdadeiro sentimento religioso. Também aí vi a escrita da abóbada muito bem feita e duas passagens de abóbada subterrâneas, de que uma parece que vai quase até a mesquita de Omar. Interessou-me muitíssimo toda essa visita. Ainda antes de voltar ao hospício saindo pela porta de Sto. Estêvão passei pela fonte de Siolah, no rochedo, a que se desce por duas escadas; uma depois da outra, de 18 a 16 degraus e cuja água corre para uma piscina regando depois diversos terrenos bem cultivados de hortaliças. Jantei às 6 e depois tive a visita de Mme. de Vaux e conferenciei com os cônsules de França e da Rússia — os outros não vieram — sobre uma idéia minha de que falarei amanhã. O Bom Retiro tem estado desde ontem mais atacado da gota no joelho esquerdo. Não pode estar senão deitado e imóvel.

Deixei de falar ontem de um aqueduto feito de pedra e na pedra ao rez do chão que vi no caminho para Belém que traz água, quando a há, desde uma légua além daquele lugar até o interior da Mesquita de Omar. Servia para as abluções do Templo creio eu.

**4 de dezembro de 1876** — Das 7 às 9 fui ao Convento dos gregos cismáticos de Sta. Cruz a 20 m daqui. Queria ver manuscritos, mas não os achei curiosos a não ser uma liturgia escrita em pergaminho que se enrolava e com letras maiúsculas de figurinhas pintadas que disseram ser do 9º século. O dos Evangelhos e também deste século ou do 10º. Visitei a igreja que é muito curiosa do templo do Imperador Heráclius que a fez erigir par aí ter crescido a árvore de que se fez a Cruz — mostra-se sob o altar o orifício circular indicando esse lugar — ou acampado depois de ter derrotado os persas e retornado a Cruz. Das 10 ½ até depois das 6. Visitei a Mesquita de Omar. Vi primeiro os restos do rochedo sobre o qual estava a torre Antônia e que Herodes o Grande mandara arranjar [*sic*] dando mais um ângulo ao retângulo ocupado pelo templo e seus anexos não se lembrando da profecia popular de que seria aquele destruído quando tivessem 4 ângulos. A Mesquita é suntuosa internamente por seus dourados e pinturas porém muito sobrecarregada de ornatos. O cabeço do rochedo do Monte Moriah onde se diz que Isaac ia ser sacrificado por Abrão acha-se no centro da Mesquita, mas

cercado. Por baixo dele veem-se pedras com lindos ornatos encravados na parede que sustenta o cabeço indicando uma o lugar onde rezava Salomão e outra aquele em que Davi rezava. Também há aí o lugar de Elias e de Mafoma. As tradições árabes são muitas e algumas extravagantíssimas, como p.e. os sinais no cabeço do rochedo das unhas do arcanjo Gabriel que segurou no rochedo para elenão acompanhar Mafoma quando elesubiu ao céu montado na jumenta *El-borak*. Também se mostra as pegadas de Mafoma e de Cristo e perto o escudo de um tio do profeta. Segui para a Mesquita El-Aksah atrás da outra que ocupava o lugar do templo como esta o da vivenda das mulheres que trabalhavam para o templo. Mostram aí um retângulo pintado de preto sobre o muro que se deve tocar com a mão andando para elede certa distância e de olhos fechados, se quem o faz tem de salvar-se — tentei-o e toquei a parede à direita — e duas colunas entre quais passa quem deve salvar-se mas desisti por causa do meu diâmetro. Felizmente Fr. Lievin disse que também se salvaria quem passasse entre outras duas colunas mais separadas uma da outra e eu passei, com muita alegria do chefe da Mesquita de Omar, homem inteligente que fala o árabe tão claramente que meu hebraico fazia-me entender a significação de algumas palavras.

Por baixo da Mesquita de El-Aksah há uma vasta abóboda com duas belas colunas que parecem do tempo de Herodes o Grande. Também se desce a um lado daquela mesquita até um vastíssimo espaço onde contei 12 galerias de abóboda com pilastras e arcos na direção N.S. mais ou menos extensas e terminando três portas muradas de que já falei tratando de meu passado em torno às muralhas. No tempo das Cruzadas acomodaram-se nestas galerias 3000 animais entre cavalos etc. e alguns as chamam estrebarias de Salomão. Antes de sair do recinto do antigo templo e suas dependências vi a porta Áurea por dentro com duas belíssimas colunas, cúpulas e ornatos mais belos que seria uma entrada suntuosa para o templo. Os orifícios para os gonsos dos batentes são muito grandes e indicam a grandeza deles. Por esta porta entrou Heráclius com a Cruz reconquistada. Saindo pela porta de Sto. Estêvão, que alguns dizem não indicar o lugar próximo do apedrejamento do proto-martir, que morrera noutra lugar que Fr. Lievin mostrou-me, fui ver os túmulos de Absalão todo até a segunda cornija cortado na rocha e com seu remate em forma de funil de bôca para baixo e os de S. Tiago Menor, Cleofas, etc., com seu pequeno pórtico de três colunas precedendo a gruta onde se cavaram os sepulcros e de Sagari (pai do Batista) etc., não sendo este último aberto. Antes de fazer esta visita fôra à igreja de Sta. Ana que está construindo a França no terreno que lhe doou a Turquia depois da guerra da Criméa. Sustentam alguns e entre estes Fr. Lievin que aí nascera a Virgem numa gruta por baixo da igreja onde há um altar. Tudo está feito com muita elegância e bom gosto aproveitando o que se pôde das ruínas da antiga igreja. As obras não estão terminadas e tem custado à França de 700 a 800 mil fr., segundo me disse o Cônsul francês, que aí se achava e sem cuja licença não se pode entrar. Se empregasse metade ao menos desta soma nas escolas da Palestina! Fui ver ao pé o lugar da *Piscina Probática*. Um esbroamento [*sic*] quase nada deixa ver do vão da piscina.

Dos túmulos de que falava subi a ver um monumento cavado na rocha que dizem ser um dos pequenos templos construídos por Salomão aos deuses de suas concubinas e muito me custou trepando e quase escorregando pela aldeia de Siloeh a alcançar o caminho dos cavalos. Segui a ver também trepando rochedos a pé três túmulos em grutas: os fora do vale do Josafá no dos filhos de Himom; primeiramente o que tem uma inscrição grega mal se pode decifrar e parece tratar de *Egonomenos* (?) de um mosteiro de Tecla; outro com estas palavras e letra — Eta e Agios Sion e o terceiro com uma inscrição grega não pequena que não se pode entender, mas existe impressa. Indo a todos estes túmulos deixei a direita o caminho que Cristo percorreu preso depois da traição do horto de Getsemani e passei pela árvore que já tinha visto, junto à piscina de Siloeh que indica o lugar onde Isaias foi serrado por ordem do rei Manassés. Voltando visitei a escola inglesa dirigida por uma Palmer onde há 40 meninas e perto da qual examinei os restos muito curiosos das muralhas do tempo dos Jebuseus antes de David lhes conquistar a cidade; vi em casa de Schick marceneiro muito bem feitos modelos da Igreja do Sto. Sepulcro com suas adjacências; tudo de madeiras e podendo desmanchar-se de modo a nada ficar por ver; as cores indicando as diferentes religiões a que pertencem os edifícios — a cúpula é representada como era antes da bela reparação pelo arquiteto Moss que também deu o plano para Igreja de Sta. Ana cuja obra acusaram-no de prolongar por causa dos vencimentos que percebia — e do tabernáculo com tudo o que continha segundo a Bíblia e por duas formas conforme as duas diferentes interpretações do texto. Enfim fui por curiosidade visitar a loja de bric-à-brac do célebre Safira, cuja fisionomia não denota veracidade e parece-me um Schliemann sem fanatismo pouco sério. Mostrou-me suas últimas antiguidades moabíticas que pareceram obras de barro feitas há pouco tempo por gente muito pouco civilizada. Ele deu-me fotografias dos monstregos de argila. Ainda antes de jantar tomei banho turco porém não tão bem dado como em Damasco e depois recebi frades franciscanos; falei ao Cônsul inglês e fui despedir a Casa Nova de Mme. de...